

Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica

**OS MEMES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES
MORAIS NO ENSINO MÉDIO**

Curso de Mestrado

Denise Leite Peruzzo

Prof.^a Dr.^a Rita Melissa Lepre

Denise Leite Peruzzo

**OS MEMES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES
MORAIS NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação da Profa. Dra. Rita Melissa Lepre.

Bauru/SP
2020

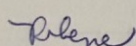
P471m	Peruzzo, Denise Leite OS MEMES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS NO ENSINO MÉDIO / Denise Leite Peruzzo. -- Bauru, 2020 113 p. : il., tabs. + 1 CD-ROM Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru Orientadora: Rita Melissa Lepre 1. Desenvolvimento Moral. 2. Valores Morais. 3. Memes. I. Título.
-------	--

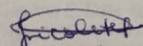
Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

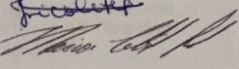
Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DENISE LEITE PERUZZO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 02 dias do mês de março do ano de 2020, às 15:00 horas, no(a) Sala 2 do prédio da Pós-graduação da Faculdade de Ciências - Unesp/Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. RITA MELISSA LEPRE - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia / Unesp, Faculdade de Ciências, Bauru, Profa. Dra. JAMILLY NICÁCIO NICOLETE do(a) Curso de Pedagogia / Fundação Educacional de Penápolis - FUNEPE, Prof. Dr. MACIONIRO CELESTE FILHO do(a) Programa de Pós-Graduação em Educação / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DENISE LEITE PERUZZO, intitulada **"OS MEMES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS NO ENSINO MÉDIO"** E PRODUTO EDUCACIONAL **"O MEME COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE VALORES MORAIS: ORIENTAÇÕES PARA ESTUDANTES E PROFESSORES"**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. RITA MELISSA LEPRE

Profa. Dra. JAMILLY NICÁCIO NICOLETE 

Prof. Dr. MACIONIRO CELESTE FILHO 

Dedico esta Dissertação de Mestrado à minha filha Ana Alice, pelo amor, dedicação e paciência, aos meus pais, Líria e Luiz, que me educaram com muito amor e me criaram determinada. E aos queridos alunos e alunas que me atribuíram enormes desafios e com quem aprendi e aprendo muito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e as pelas condições as quais possibilitaram essa jornada de conhecimentos e descobertas.

Aos meus familiares, em especial minha mãe Líria, meu pai Luiz e minha filha Ana Alice que estiveram ao meu lado em todos os momentos, apoiando, dando forças, possibilitando condições para que eu nunca desistisse dos meus objetivos. Sem eles eu não teria tido capacidade de concluir essa etapa tão importante e difícil pela qual passei.

Ao meu grande amigo Lucas Dias, pelo apoio, ajuda acadêmica, pelo carinho e amizade. Aos meus amigos Júlio Cesar e Rodrigo pelos incentivos e contribuições tão necessárias ao trabalho desenvolvido.

Aos amigos do Mestrado Profissional, que dividiram comigo as angústias e alegrias dessa jornada.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e ao corpo docente e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica que contribuíram com as trocas de experiência e muito aprendizado.

Aos professores Dr. Macioniro Celeste Filho e Dra. Jamilly Nicácio Nicolete, agradeço por terem aceitado compor a banca e contribuírem com esta pesquisa.

Em especial, agradeço a professora Dra. Rita Melissa Lepre, pela orientação do mestrado. Obrigada pelo apoio, por confiar e acreditar em mim e obrigada, principalmente, pela sua amizade.

Aos colegas do grupo de pesquisa GEPEDEME e GEPEM, em especial o professor Dr. Carlos Arruda que sempre trouxe questões e contribuições importantíssimas, despertando meu amor pela filosofia.

Aos meus amados alunos e alunas, crianças e adolescentes com as quais aprendo a ser uma professora e uma pessoa melhor a cada dia e possibilitaram que essa pesquisa se tornasse algo real e concreto.

Aos professores, professoras, coordenadores e coordenadoras, diretora e vice-diretora, funcionários da escola com quem convivo diariamente e contribuíram com meus estudos e aprendizagem e lutam, diariamente por uma educação melhor. Os meus mais sinceros agradecimentos!

PERUZZO, Denise Leite. Os memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio. 2020. 76 f. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica – Unesp, Faculdade de Ciências, Campus Bauru, 2020.

RESUMO

A presente pesquisa revela a preocupação com a assimilação de valores morais pelos alunos do Ensino Básico, especialmente os adolescentes do Ensino Médio. O objetivo desse estudo foi conhecer e compreender as possíveis contribuições dos memes, uma forma de linguagem e comunicação muito difundida atualmente na internet, como forma de auxiliar os estudantes a compreenderem valores morais. Julgamos importante refletir sobre a necessária atenção que a comunidade escolar precisa oferecer à relação dos alunos com os novos dispositivos virtuais que possibilitam o acesso e compartilhamento de informações em larga escala. A criação e utilização de memes, já considerado um gênero textual, permite aos professores obter importantes informações sobre as compreensões dos discentes sobre a escola e conhecer seus valores morais expressos de forma direta ou indireta nessa linguagem. Nesse sentido, podem se converter em poderoso instrumento pedagógico que auxilie na mediação para a construção de um projeto de educação e desenvolvimento moral. Os memes são instrumentos concretos de análise social e interpessoal, embora sejam virtuais. Representam um novo gênero que reflete uma nova forma de sociabilidade, em um novo espaço, que pode nos dizer muito sobre a sociedade e os valores morais os quais estamos construindo. Com o objetivo de conhecer e analisar os memes produzidos por alunos de uma escola pública do Estado de São Paulo, durante as aulas de história, no intuito de propor um projeto transversal de educação moral, viemos desenvolvendo uma pesquisa-participante. A coleta de dados conta com observações, entrevistas e oficinas de memes. Os resultados revelam o forte interesse dos alunos pelas atividades propostas e a expressão de valores morais por meio dos memes produzidos de forma individual e coletiva. Concluimos que os memes podem, e devem, ser utilizados como instrumentos pedagógicos voltados à construção de valores morais de adolescentes no ensino médio.

Palavras-chaves: Desenvolvimento Moral; Valores Morais; Memes.

PERUZZO, Denise Leite. Memes as a pedagogical resource in the construction of moral values in high school. 2020. 76 f. Dissertation presented at the Graduate Program in Teaching for Basic Education - Unesp, Faculty of Sciences, Campus Bauru, 2020.

ABSTRACT

The present research reveals the concern with the assimilation of moral values by the students of Basic Education, especially the adolescents of High School. The objective of this study was to know and understand the possible contributions of memes, a form of language and communication that is very widespread today on the internet, as a way to help students understand moral values. We believe it is important to reflect on the necessary attention that the school community needs to provide students with the new virtual devices that enable access and sharing of information on a large scale. The creation and use of memes, already considered a textual genre, allows teachers to obtain important information about the students' understandings about the school and to know their moral values expressed directly or indirectly in that language. In this sense, they can become a powerful pedagogical tool that helps in mediation for the construction of an education and moral development project. Memes are concrete instruments for social and interpersonal analysis, although they are virtual. They represent a new genre that reflects a new form of sociability, in a new space, that can tell us a lot about society and the moral values that we are building. With the objective of knowing and analyzing the memes produced by students of a public school in the State of São Paulo, during history classes, in order to propose a transversal project of moral education, we have been developing a participant research. Data collection includes observations, interviews and meme workshops. The results reveal the students' strong interest in the proposed activities and the expression of moral values through memes produced individually and collectively. We conclude that memes can, and should, be used as pedagogical tools aimed at building the moral values of adolescents in high school.

Keywords: Moral Development; Moral values; Memes.

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1 – Memes ‘nego’	41
2 – Memes racistas	42
3 – Memes para aulas de inglês	43
4 – Memes para aulas de matemática	43
5 – Meme Judge Magazine.....	44
6 – Memes sobre justiça social e honestidade.	57
7 – Memes sobre tolerância.....	59
8 – Memes sobre solidariedade e respeito.	61
9 – Fanpage ‘Fábrica de memes dos meus alunos mais tops’.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1 – Níveis e estágios do desenvolvimento moral segundo Kohlberg.	23
2 – Oficinas pedagógicas desenvolvidas.	Erro! Indicador não definido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	Erro! Indicador não definido.1
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	Erro! Indicador não definido.6
1.1. DESENVOLVIMENTO MORALE A CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO DE VALORES MORAIS NA ESCOLA.....	Erro! Indicador não definido.6
1.2. VALORES MORAIS E ÉTICA	27
1.2.1. <i>Adolescência, ética e valores morais</i>	30
1.3. MEMES	38
1.3.1. <i>Memes como instrumento pedagógico para a compreensão de valores morais</i>	44
2. METODOLOGIA	47
2.1. PRODUTO EDUCACIONAL	51
3. RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS	53
3.1. OFICINAS PEDAGÓGICAS.....	53
3.2. QUESTIONÁRIO E OBSERVAÇÕES GERAIS	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71
APÊNDICE: PRODUTO EDUCACIONAL	77
ANEXOS	99

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A educação moral é um tema importante do ponto de vista da área da psicologia da moralidade, visto que aprender e ensinar valores morais estão entre as ações que promovem a humanização do homem, tanto no sentido moral (respondendo à pergunta como devo viver?), quanto no sentido ético (em resposta à questão que vida quero viver?). A educação moral pode acontecer em diferentes contextos sociais. A presente pesquisa enfoca a escola e suas possibilidades de trabalho nesta área.

O presente trabalho, cujo objetivo foi conhecer e compreender as possíveis contribuições dos memes na imersão e compreensão de valores morais em adolescentes, revela a preocupação com os valores os quais têm sido compartilhado nas redes sociais. Julgamos importante refletir sobre a necessária atenção que a comunidade escolar precisa oferecer à relação dos alunos com os novos dispositivos virtuais que possibilitam o acesso e compartilhamento de informações em larga escala.

A criação e utilização de memes, considerado um gênero textual, permite aos professores obter importantes informações sobre as concepções dos discentes sobre a escola e conhecer seus valores morais expressos de forma direta ou indireta nessa linguagem. Nesse sentido, podem-se converter em poderoso instrumento pedagógico que auxilie na mediação para a construção de um projeto de educação e desenvolvimento moral. Estudar os memes compartilhados nas redes sociais, produzidos por adolescentes a respeito de valores morais pode proporcionar, primeiramente, conhecer os seus aspectos socioculturais, o papel que os mesmos ocupam no imaginário coletivo, analisando quais tipos de discursos estão sendo disseminados e de que maneira podemos garantir, como mediadores, uma ação mais concreta e acessível.

Os memes são instrumentos concretos de análise social e interpessoal, ainda que sejam virtuais. Representam um novo gênero que reflete uma nova forma

de sociabilidade, em um novo espaço, que pode nos dizer muito sobre a sociedade e os valores morais de que estamos construindo.

A escolha do tema ocorreu, primeiramente, pelas práticas pedagógicas tendo o meme como fio condutor da aprendizagem nas aulas de História da professora pesquisadora, aliado aos estudos realizados no GEPEM – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Moral (UNICAMP/UNESP) e GEPEDEME – Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Moral e Educação (UNESP) permitiu notar a necessidade de se estudar e desenvolver práticas pedagógicas que permitam o desenvolvimento moral dos estudantes.

Sou professora desde 2006 e, apesar de amar o que faço, a docência e a compreensão do meu papel como educadora, não foi uma trilha fácil de percorrer. As dificuldades se iniciaram ainda nos meus primeiros contatos, como estudante, com a escola, problemas na fala e escrita atrasaram minha alfabetização, no entanto, o amor pela leitura e pelos livros surgiu muito antes do meu letramento. Minha vida escolar seguiu com altos e baixos, as dificuldades de aprendizagem desapareceram quando descobri problemas visuais, corrigido o problema, tive grande desenvolvimento escolar, o que me fez ter ainda mais apreço pela educação como um todo.

Sou filha de professores e, certamente, isso me incentivou a seguir pelo mesmo caminho, apesar de ser uma profissão pouco valorizada financeira e socialmente, vejo beleza em poder contribuir com a formação de outras pessoas. Minha escolha em cursar história foi recebida com grande decepção pelos amigos e familiares, que julgavam um grande desperdício intelectual e financeiro estudar para seguir uma profissão tão desqualificada (vista pela sociedade em geral). Foi assim que o curso de Direito adentrou em minha vida, cursar direito simultaneamente à graduação em História foi a maneira de que encontrei a fim de satisfazer um sonho dos meus pais, sem abrir mão dos meus próprios. Em 1999 ingressei nos dois cursos, me mudei de cidade, tive novas e enriquecedoras experiências. Em 2004, comecei a advogar e, temporariamente, o desejo de ser professora ficou adormecido.

Minha vida mudou completamente quando, no final de 2005, fui convocada a assumir um cargo como professora. Nesse período, eu advogada em um escritório trabalhista em São Paulo. Quando verifiquei o quadro de vagas disponíveis para

escolha, tomei a decisão de retornar para minha cidade natal - Araçatuba. Deixei meus ternos e roupas sociais para trás, comprei uma bicicleta, aluguei uma casinha próximo a escola escolhida e iniciei minha feliz experiência como professora. Eu amava a escola, meus alunos, minha vida como um todo, amava a simplicidade de tudo e toda essa nova vivência. A lua de mel com a educação terminou quando me mudei para o Guarujá, após me casar.

Foram anos difíceis em relação ao trabalho e à adaptação; as escolas tinham um sistema bem diferente nas quais eu havia trabalhado no interior, não me sentia amparada pela gestão, nem acolhida pelos alunos. Depois de cinco anos no Guarujá e grávida da minha filha, decidimos retornar para Araçatuba. Precisava, agora, voltar a acreditar na minha profissão, estava extremamente desmotivada, quase abandonando minha carreira como professora.

Às vezes, é necessário chegar onde não queremos, estar fora da nossa zona de conforto para podermos crescer, creio que foi exatamente isso que aconteceu comigo. Comecei a fazer cursos de especialização, de atualização, a estudar educação, pedagogia, metodologias ativas, entre outros. Em 2016 meu desejo de fazer um mestrado tomou força e comecei a participar, no ano seguinte, de grupos de pesquisa sobre valores morais e educação (GEPEM e GEPEDEME). Todo meu amor pelo ensino retornou, mais realista e maduro, sem a ingenuidade de uma professora iniciante, agora focando nas possíveis soluções quando me deparo com dificuldades e desafios dentro do contexto educacional.

No GEPEDEME, pude contar com as orientações, apoio e sabedoria da professora Melissa, que abraçou a ideia de pesquisarmos sobre valores morais utilizando os memes como recurso pedagógico, uma vez que poderíamos estudar as relações morais nas redes sociais e fazer uso de recursos que fazem parte do cotidianos das crianças e dos adolescente para poder trabalhar os valores morais.

Assim, ingressei no Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, algo que ampliou muito minha visão sobre o ensino e aprendizagem, a pesquisa, como as teorias são de extrema relevância para nossa prática pedagógica. Ainda em 2018, fui contemplada com uma bolsa de estudo para cursar MBA em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo, todo o conteúdo curricular complementava os estudos realizados nas disciplinas do mestrado, enriquecendo ainda mais essa vivência.

Toda essa experiência fortaleceu a concepção de que a comunidade escolar necessita de dar atenção à maneira de como os alunos se relacionam com os novos dispositivos virtuais, que permitem o acesso, criação e compartilhamento de informações em uma velocidade de grande escala. O atual modelo formal de educação não consegue se inserir como uma ferramenta mediadora das práticas interacionistas que ocorrem na virtualidade, seja porque a tecnologia é vista como panaceia sem, contudo, ser oferecida uma devida formação aos docentes para saberem lidar com as mesmas, seja porque ainda existe uma distância considerável entre o letramento digital de nossos estudantes e o dos profissionais da educação como um todo, assim como uma grande diversidade de conhecimento e acesso às Tecnologias de Informação entre os adolescentes.

Estudar e debater valores morais com adolescentes do Ensino Médio e ponderar como eles são capazes de expressar tais valores através da criação de memes, nos possibilita-nos adentrar nesse universo tão fluido e importante para essa geração, que é o ambiente virtual. A partir da análise desses valores compartilhados nos memes, é possível pensar e definir intervenções que a escola pode oferecer para uma educação voltada ao desenvolvimento moral, objetivando a autonomia dos alunos.

Dividimos nosso trabalho em quatro capítulos para facilitar a organização e compreensão da pesquisa e estudos realizados. No primeiro, subdividido em três seções, trazemos, na seção 1.1 a fundamentação teórica com as teorias dos principais estudos de dois autores que nos ampara na compreensão do desenvolvimento e educação moral, assim como analisaremos o papel da escola na educação em valores morais. Nesse capítulo, na seção 1.2, também faremos uma análise sobre os termos valor moral e ética e, na subseção 1.2.1, como ocorre o desenvolvimento da ética e da moralidade na adolescência. Abordaremos, na seção 1.3, conceitos de meme e como se tornou instrumento de comunicação, expressão e informação, além de seus possíveis usos pedagógicos em disciplinas curriculares e temas transversais.

No segundo capítulo, desenvolveremos sobre qual a metodologia utilizada tanto para o desenvolvimento desse estudo quanto para a produção do produto educacional (seção 2.1).

Os resultados finais, análise de dados, apresentação das oficinas pedagógicas e a produção de memes dos estudantes (seção 3.1), os gráficos do questionário aplicado aos participantes (seção 3.2) serão temas do nosso terceiro capítulo e, as considerações finais, objetos do quarto e último capítulo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desse trabalho é baseada em autores da Psicologia, portanto utilizaremos a nomenclatura “adolescentes” para se referir ao período do ciclo de vida de nossos participantes, que ocorre, aproximadamente, entre os 12 e 20 anos de idade, marcado por significativas mudanças físicas, cognitivas e sociais (SHAFFER, 2005).

O presente capítulo será composto por três seções. Na primeira analisaremos a importância do ambiente escolar para o desenvolvimento moral e formação de valores dos estudantes e a necessidade de se trabalhar a moralidade na escola. Discorreremos também, sobre as teorias do desenvolvimento moral de acordo com o epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) e o psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987).

A análise mais aprofundada sobre valores morais e ética encontra-se na segunda seção, na qual também abordaremos, na primeira subseção, o desenvolvimento da ética e dos valores morais durante a adolescência.

Na terceira e última seção, versaremos questões sobre origens e conceitos do meme como forma de comunicação, expressão e informação e, seus possíveis usos como recurso pedagógico. Mostraremos alguns trabalhos de professores e pesquisadores que utilizam esse recurso para enriquecer sua prática docente.

1.1. DESENVOLVIMENTO MORAL E A CONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS NA ESCOLA

Refletir sobre a educação moral dentro dos muros das escolas requer, inevitavelmente, que se reflita sobre a formação de um sujeito que está em constantes transformações, vivenciando suas relações e escolhas, inseridos num determinado meio social e cultural. Pensar e vivenciar a educação moral é, sem sombra de dúvidas, expressão da convivência entre as relações sociais, culturais e de valor, sendo estas estabelecidas no decorrer da construção do desenvolvimento

intelectual e afetivo, reflexos também de problemáticas vivenciadas por cada indivíduo, o que aprimoram e auxiliam no desenvolvimento da moralidade.

Nesse sentido, define-se como educação moral uma parte de todo processo educacional, formal ou informal, que tem como objetivo a construção, transmissão e adesão de valores considerados importantes pela cultura em que se vive e que orientam como ser e agir consigo mesmo e com os outros. Para Josep Maria Puig (1998), professor e coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação Moral da Universidade de Barcelona, a educação moral deve apresentar-se como um espaço de reflexão individual e coletiva que auxilie na formação da personalidade moral, complementando a ideia de sujeito autônomo de Piaget.

Associar o ambiente escolar à formação de cidadãos e indivíduos autônomos moral e intelectual é algo comum em meio às cobranças dos sistemas educacionais, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), 2019, p.16, reconhece “que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica”.

Dubet (2011) considera que a escola, como instituição, desenvolve suas regras e valores comuns e que a socialização possibilitada por esse ambiente atua de modo a desenvolver no aluno uma subjetividade, ou seja, um indivíduo no ambiente escolar torna-se autônomo em suas opiniões a partir da socialização. Assim, a escola pode ser considerada um instrumento facilitador da prática da cidadania, uma vez que nela, o aluno tem a oportunidade de se manifestar como indivíduo, membro de uma sociedade, conhecedor dos seus direitos e deveres, podendo expressar suas opiniões e defender seus princípios como cidadão. Então, a escola é um ambiente propício ao desenvolvimento de valores morais necessário para a formação de jovens e adolescentes autônomos.

Tognetta e Vinha (2009), abordam a importância de se trabalhar a moralidade nas instituições escolares como sendo um objeto de estudo e que deve ser ensinado, pois não é inato ao ser humano.

Dessa forma, é essencial que haja reflexão sobre os valores, considerando que a moral é um objeto do conhecimento que se aprende racionalmente. Contudo, raramente a educação apresenta ao aluno a moral como objeto de estudo e reflexão. Portanto, considerando que a transmissão direta de conhecimentos é pouco eficaz para fazer com que os valores morais tornem-se centrais na personalidade, para a vivência democrática e cooperativa e para resolver problemas que requerem principalmente

habilidades cognitivas, interpessoais e afetivas, faz-se necessário oferecer nas instituições educativas oportunidades frequentes para a realização de propostas de atividades sistematizadas que trabalhem os procedimentos da educação moral. Procedimentos estes que favoreçam a apropriação racional das normas e dos valores, o autoconhecimento e o conhecimento do outro, a identificação e a expressão dos sentimentos, a aprendizagem de formas mais justas e mais eficazes de resolver conflitos e, conseqüentemente, o desenvolvimento da autonomia. Contudo, apesar de insistirmos na necessidade de se oferecer sistematicamente oportunidades para a aquisição moral como um objeto do conhecimento, por meio da reflexão e dos procedimentos da educação moral, não podemos esquecer-nos da importância de se construir uma atmosfera sociomoral cooperativa no contexto educativo. Reiteramos que para que possam ansiar por valores morais, nossos alunos precisam viver situações de respeito, tolerância, de honestidade, de diálogo. (VINHA; TOGNETTA, apud LA TAILLE; MENIN, 2009, p.39).

Despertar nos alunos da escola contemporânea a consciência moral e cidadã é um constante e grande desafio, considerando ações negativas como indisciplina, falta de atenção e interesse nos conteúdos abordados em sala de aula, depredação ao patrimônio e até mesmo violência têm sido frequentes no cotidiano escolar brasileiro. Aquino (1996), analisando a indisciplina escolar, ressalta que isso pode se explicar pelo fato de que nas escolas antigas a disciplina era presente pois acontecia de forma ameaçadora e punitiva, e hoje isso não pode mais acontecer, sendo mais comum presenciar quadros indisciplinados dentro das salas de aula. No entanto, para uma educação idealmente estabelecida, a disciplina necessitaria ser consequência voluntária da livre vontade do educando, para isso, o aluno precisa se pautar em valores e construir sua autonomia moral e intelectual.

De acordo com Lepre (2005, p.9),

a educação moral deve contribuir para a aquisição de critérios que guiem, regulem e proporcionem normas orientadoras para a vida prática das pessoas e da coletividade, tais como a crítica, o princípio de alteridade, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a implicação e compromisso.

Sendo assim, em relação à educação moral, a consideramos-na como o processo pelo qual os valores deixam de ser leis impostas por agentes externos e convertem-se em diretrizes internas, legitimadas pela própria pessoa. Tal educação tem como objetivo maior a formação de sujeitos autônomos (PIAGET, 1998; PUIG, 1998), e, como tal, acontece sempre de forma inter-relacional, tanto de fora para dentro, no sentido de uma preexistência de valores no meio sociocultural, quanto de dentro para fora, no sentido de uma participação crítica, responsável, autônoma e

criativa de cada sujeito (PIAGET, 1998; KOHLBERG, 1992). Além disso, ela ocorre nos espaços em que existe incentivo ao diálogo, promoção de projetos comuns, possibilidade para desenvolver a autonomia, cuidado com a humanidade em nós e no outro, e valorização de algumas virtudes (PUIG, 1998; MORIN, 2007). Isso significa que ela pode acontecer nos mais diversos espaços sociais: na família, na Igreja, na escola, nos círculos de amizade, entre outros.

Diante disso, optamos pelo ambiente escolar para desenvolver nosso estudo e pesquisa, por ser “um espaço social onde se simula a vida e se ensina a vivê-la” (PUIG, 1998, p.243).

Ainda de acordo com Puig, a educação moral pode ocorrer em três âmbitos dentro da instituição escolar: o interpessoal, considerado como o motor do processo de educação moral, pois inclui os vínculos interpessoais entre os professores e seus alunos; o curricular, que possibilita o diálogo e a construção de opiniões sobre temas morais, tanto de forma transversal, quanto de forma pontual; e o institucional, que transforma a instituição escolar em um espaço democrático em que os valores morais estão sempre presentes.

É importante que se pense na construção de um ser humano que está em constante transformação, devido às suas relações e às suas próprias atitudes e ações. É por meio das relações sociais, culturais e de valor, estabelecidas ao longo da convivência e ligadas ao desenvolvimento intelectual e afetivo, e também por meio dos conflitos ou problemas vivenciados, que os indivíduos aprimoram e desenvolvem sua moralidade.

Segundo as reflexões teóricas de Piaget (1998) em relação à construção do desenvolvimento moral, considera-se que esse processo é resultante da interação do sujeito com o meio social e cultural. Ainda segundo o autor supramencionado, o processo envolve esses reflexos de adaptação e readaptação à sociedade, aos quais as vivências e a reflexão oportunizam ao sujeito a construção de capacidades para julgar, posicionando-se e agindo diante dos conflitos e momentos controversos que compõem o dia a dia.

Com o passar do tempo, esses condicionantes de pensar e agir em relação ao cotidiano vão se modificando, de um sujeito com uma perspectiva heterônoma de análise do seu entorno, para gradativamente avançar para uma perspectiva autônoma. Ainda para o autor, é necessário condicionar que o papel dos processos

educativos é fundamental, pois as mediações escolares e pedagógicas têm a potencialidade de favorecer essas conquistas por meio de um planejamento de atividades que mobilizem os alunos para a reflexão, o posicionamento e a ação. Por meio de Piaget (1998), uma ideia central sobre Educação Moral se consolida: a de que, nesse campo, as finalidades condicionam os meios; se a autonomia moral deve ser uma finalidade, os procedimentos educativos devem privilegiar atividades que permitam o surgimento situações de problematização em pequenos grupos, as quais o diálogo e as ações democráticas sejam priorizadas.

Diversos autores têm privilegiado diferentes modos de ver a moralidade para pensar como ela pode se construir nas pessoas e como pode torná-la um objeto de educação. Para Menin (2013), na Psicologia do Desenvolvimento, Piaget foi pioneiro em estudar a moralidade como forma de respeito às regras e como forma de julgamento. As descobertas desse autor propiciaram outras frentes de investigação na área da moralidade e trouxeram importantes implicações educacionais.

A dimensão moral da obra de Piaget acabaria por evoluir para um campo próprio em 1932, quando procurou conhecer as etapas pelas quais passariam as crianças no processo de compreensão do comportamento moral. Piaget veio opor-se ao postulado empirista que defendia o desenvolvimento moral como o resultado da interiorização de valores e regras sociais exteriores ao sujeito. Para ele, o desenvolvimento moral seria um processo de construção que ocorreria no interior do indivíduo e as relações de controle exterior não contribui para o desenvolvimento moral por impedir o desenvolvimento da autonomia. As regras exteriores passam a ter sentido quando são adotadas e construídas em liberdade.

Foi Piaget quem primeiro se interessou, nos anos vinte, pelo desenvolvimento moral da criança, ao examinar um grupo de crianças a jogar ao berlinde. Para ele "toda a moral consiste num sistema de regras e a essência de toda a moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras". Apesar desta definição não ser abrangente e universalista teve, contudo, o mérito de ser sintética (VALE, 2002, p.302).

Ainda de acordo Vale (2002), que bem dialoga com o pensamento de Piaget dentro dos parâmetros Kantianos, a cooperação e o respeito mútuo são aspectos sem os quais não há constituição da autonomia. Para o autor, ainda, o respeito mútuo só é verdadeiro enquanto respeito mútuo de duas "personalidades", visto que

a personalidade é a própria consciência moral, sendo importante, portanto, a existência de regras, para o desenvolvimento do respeito que advém através do desenvolvimento moral. Em razão desse desenvolvimento moral, Piaget o denomina de Kantismo evolutivo (VALE, 2002).

O trabalho de Piaget não objetivou, contudo, o cumprimento das regras sociais, mas sim a sua motivação e fundamentação. Ele explorou o processo cognitivo do julgamento das crianças, ou seja, a forma como o juízo moral se repercute no agir, que posteriormente a filosofia e, nomeadamente, filósofos como Peter Singer questionaram em textos atuais. Mas o principal objetivo de Piaget foi o de melhorar as estratégias educativas condicionantes do crescimento moral da criança através da relação entre o julgamento prático perante situações reais e o posicionamento moral produzido em contextos hipotéticos. O juízo moral face ao acontecimento real nem sempre está de acordo com a prática moral assertivamente professada e defendida, dada a complexidade das relações sociais, o frágil equilíbrio entre a necessidade de autopreservação e o egocentrismo, a pressão desencadeada pela necessidade de uma resposta pronta e rápida, que pode secundarizar a aplicação prática da moral teórica. A maior parte das regras morais que a criança aprende a respeitar são incutidas unilateralmente pelos adultos, adaptando-as como suas sem sentido crítico ou filtro moral. O mesmo não se passa quando a criança está em plena atividade lúdica, regida por regras elaboradas por ela própria, em que se vão verificar dois fenômenos que são a obrigatoriedade do cumprimento das regras por receio de coação ou a interiorização e consciência das regras que condicionam a criança ao seu cumprimento opcional, configurativa de uma verdadeira escolha moral (VALE, 2002, p.303).

A moralidade heterônoma predominaria em indivíduos até aos 8-9 anos, caracterizando-se pelo constrangimento, obediência e respeito unilateral da criança para com o adulto. Assim, parece predominar o dever exterior e a obediência a adultos, de modo a evitar o castigo. Esta fase será marcada pelo egocentrismo, sendo uma diferenciação entre o “eu” e o meio social (Piaget, 1994).

Piaget consideraria que, para a criança na fase heterônoma, as regras impostas pelos adultos seriam sagradas e imutáveis, ela se orienta pelo resultado material das ações, ignorando as circunstâncias em que decorreu o ato. Ou seja, não seria capaz de distinguir o objetivo do subjetivo, prevalecendo o realismo moral e a responsabilidade objetiva.

Quanto à moralidade autônoma, esta predominaria em crianças com mais de 9-11 anos, constituindo-se no respeito mútuo e na intercooperação entre crianças e destas com o adulto. A criança afasta-se, então, do egocentrismo, baseando as suas relações na igualdade, reciprocidade e acordo (VALE, 2002). Ao libertar-se dos constrangimentos exercidos pela autoridade adulta, irá julgar de modo mais

autônomo e vai experimentar a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado. Esta fase caracteriza-se pela codificação de regras, sendo já admitida a possibilidade de modificação das mesmas de acordo com as necessidades e o contexto.

A maior parte das regras morais que a criança aprende a respeitar são inculcadas unilateralmente pelos adultos, adaptando-as como suas sem sentido crítico ou filtro moral. O mesmo não se passa quando a criança está em plena atividade lúdica, regida por regras elaboradas por ela própria, em que se vão verificar dois fenômenos que são a obrigatoriedade do cumprimento das regras por receio de coação ou a interiorização e consciência das regras que condicionam a criança ao seu cumprimento opcional, configurativa de uma verdadeira escolha moral '3'. Ao primeiro estágio básico, designou Piaget de desenvolvimento moral heterônomo ou realismo moral e ao segundo, mais elaborado, de desenvolvimento moral autônomo ou moral subjetiva. O primeiro destes processos, unidirecional, caracteriza-se pelo receio de coação ou censura condicionante de determinado agir e é típico da criança entre os 4-5 anos e os 9-10 anos; no segundo, por vontade própria. O desenvolvimento Moral na Criança independentemente de condicionalismos, a criança adapta um comportamento de cooperação, gerador de reciprocidade, que se processa, em geral, depois dos 9-10 anos. Entre estes dois estágios existe uma fase intermédia em que as regras e comandos são interiorizados e generalizados (VALE, 2002, p.304).

Este autor salienta que o sentido de justiça se afastará da autoridade adulta, havendo aproximação ao conceito de igualdade. Da mesma forma, incidirá a uma prevalência da justiça distributiva sobre a retributiva, com a permutação da sanção por reciprocidade. A criança estaria ligada aos seus semelhantes por um vínculo de solidariedade, sendo levada a assumir os seus atos. Assim, existiria uma relação entre o ato sancionado e a sanção, pelo que a criança consideraria estas sanções mais justas e eficazes.

Piaget defende que seria importante oferecer ao indivíduo liberdade para optar e decidir, pois assim poderia cooperar voluntariamente com os outros, construindo um sistema moral de valores e convicções. “A autonomia é um poder que não se conquista senão de dentro e que não se exerce senão no seio da cooperação” (VALE, 2002, p.305).

No entanto, a liberdade absoluta não seria possível, em algum momento haveria a coação dos adultos para que as crianças respeitassem regras inevitáveis. Desta forma, os adultos exerceriam pressão sobre elas através de sanções que poderiam ser expiatórias ou por reciprocidade. As primeiras caracterizam-se pela coerção e pela arbitrariedade entre sanção e o ato sancionado, pelo que a criança só alteraria o seu comportamento para evitar a punição. Já as sanções por

reciprocidade caracterizam-se pela existência de uma coerção mínima e pela relação lógica com o ato penalizado. Assim, a mudança de comportamento seria entendida pela criança e não imposta externamente, como relatados em pesquisa promovida por Pereira e Caetano (2012).

Além disso, é importante destacar que, Piaget (1932/1996) afirmou em seus estudos que estas morais a serem desenvolvidas pela criança partem do respeito. Uma primeira moral desenvolvida pela criança pequena é aquela que resulta do respeito unilateral, no qual a criança respeita o adulto sem duvidar das regras impostas. Entretanto, este respeito deve tornar-se um respeito mútuo no qual a criança respeita o adulto, e este também respeita a criança, posicionando-se ainda com autoridade, mas sem coagir. Ambos os respeitos implicam nas duas últimas classificações de moral, feitas anteriormente: heterônoma e autônoma, respectivamente. A moral heterônoma é evidenciada em crianças menores de cinco anos, por idealizar as regras dos adultos com as quais convive. Já a moral autônoma é reconhecida em crianças mais velhas, quando essas crianças passam a estabelecer regras por si próprias e a cumprem devido ao respeito mútuo. O respeito unilateral é aquele sentimento desigual entre a criança e o adulto, em que a criança se sente coagida devido ao medo e afeto que sente por esse adulto. A relação que se estabelece entre o adulto e a criança é a relação de coação, sustentada pelo respeito unilateral, que leva a criança a obedecer ao adulto. O sentido de coação posto aqui é aquele em que as crianças não participam da construção das regras e muitas vezes acabam por nem saber sua função, elas as seguem sem questioná-las, pois assim poderão ser premiadas ou caso contrário, punidos (PEREIRA; CAETANO, 2012, p.3).

Em suma, a teoria piagetiana possui inegável valor sendo ainda hoje uma referência no que concerne ao desenvolvimento moral. Teve o mérito de ser suportada por várias investigações empíricas, quer por Piaget quer pelos seus seguidores. Relativamente ao período da adolescência, Piaget defendia que o estágio predominante seria o da autonomia, pelo que os adolescentes, ao ingressarem no período das operações formais, tornam-se capazes de construir os seus próprios juízos e raciocinar moralmente de forma autônoma. As regras, para o adolescente, deixariam de ser impostas e exteriores, havendo compreensão da relatividade das normas.

A semente inicial de Piaget seria colhida por Lawrence Kohlberg, que elaborou a teoria do desenvolvimento moral, constituída por seis estágios. Tanto Piaget como Kohlberg buscam em Kant a noção de moralidade pré e pós-convencional (Sutherland, 1996). Ambos defenderam que a consciência moral não se encontraria no sentimento, como Rousseau afirmava, mas na razão. Defenderam a tese da gênese gradativa da consciência moral e da possibilidade de educá-la. A

psicogênese da moralidade infantil residiria no afastamento gradual da consciência infantil da heteronomia moral, das regras do grupo, em direção à autonomia.

De acordo com Menin (1996), os níveis e estágios do desenvolvimento moral segundo Kohlberg, são:

Quadro 1: Níveis e estágios do desenvolvimento moral segundo Kohlberg

Níveis	Estágios
Nível pré-moral: baseado nas necessidades individuais.	I – Orientação pela obediência II – Orientação ingenuamente egoísta.
Nível convencional: baseado no desempenho correto de papéis no atendimento das expectativas.	III – Orientação do tipo “bom menino” IV – Orientação para manter a autoridade e a ordem social.
Nível pós-convencional: moralidade por princípios moralizantes.	V – Orientação do tipo contratual-legalista VI – Orientação por consciência lógica e princípios universalizantes.

Fonte: Menin (1996), adaptado.

Depois de Piaget, Kohlberg seria o investigador, nas palavras de Bataglia, e Lepre (2010, p. 26), “as pesquisas de Kohlberg (1992) incluem-se no grupo das teorias cognitivo-evolutivas, assim como as de Piaget, tendo como base o pressuposto de que o desenvolvimento pressupõe transformações básicas das estruturas cognitivas”. Kohlberg propôs modos de interferir na passagem de um estágio para outro, ou seja, de se possibilitar que as pessoas desenvolvam a capacidade de fazer julgamentos morais. Uma das suas propostas foi a criação, dentro das escolas, da comunidade justa, que faria uso da vida comum (portanto, da dimensão social) da sala de aula para a promoção do desenvolvimento moral. A comunidade justa seria uma comunidade democrática, cuja instituição central seria a assembleia geral na qual seriam apresentados os assuntos relacionados com a vida e disciplina na escola, os quais seriam discutidos e decididos por meio de votação de alunos e professores, tendo os votos igual valor (Bataglia e Lepre, 2010).

Para que tal fosse possível, Kohlberg refere que seria necessário desenvolver as virtudes indispensáveis à vida comum: solidariedade, confiança, responsabilidade

coletiva e participação. Ao adotarem esses valores como expectativas compartilhadas, os grupos deixam de ser associações pragmáticas para se transformarem em comunidades cujos membros se regem por objetivos educacionais individuais e valorizam a vida comum como um fim em si.

Kohlberg (1992) afirma que a teoria dos estágios é um dos pontos centrais da postura cognitivo-evolutiva e, da mesma forma que o desenvolvimento cognitivo, o moral também ocorre por meio da evolução de estágios. Os estágios de raciocínio moral, propostos por Kohlberg, são de raciocínio de justiça e não de emoções ou ações. Kohlberg (1992) destaca que sua definição de moralidade e desenvolvimento moral deriva das definições de Hare (1982), para quem o centro da moralidade é a justiça ou os princípios de justiça. “Essa centralidade da justiça deriva também do trabalho de Piaget (1932/1994) sobre o desenvolvimento do julgamento moral, no qual ele definiu a moralidade como uma atitude de respeito pelas pessoas e pelas regras, aliando-se, portanto, a Kant” (Biaggio, 2002, p. 37). Entretanto, Kohlberg (1992) chegou à conclusão de que os conceitos de heteronomia e autonomia, propostos por Piaget (1932/1994), não eram suficientes para classificar os tipos de raciocínio moral que ele encontrou, em seus estudos com adolescentes e adultos. Com base nisso, propõe a existência de seis estágios de raciocínio moral, os quais podem ser agrupados em três níveis: o pré-convencional, o convencional e o pósconvencional. O nível pré-convencional contém os estágios 01 e 02. Nesse nível, o indivíduo julga o certo e o errado, apoiado apenas em seus interesses próprios, o que inclui o medo da punição. As questões morais são colocadas considerando-se somente o interesse das pessoas implicadas (BATAGLIA; LEPRE, 2010, p.305).

Kohlberg e os seus colaboradores reuniram provas empíricas por todo o mundo, tentando comprovar a existência de estágios de desenvolvimento moral. Consideraram que o todo seria mais relevante que as partes e que não seria possível ultrapassar qualquer subestágio, tendo os jovens de passar por todos sistematicamente. Defenderam, igualmente, que o nível pós-convencional alcançado pelos 20-25 anos seria aquele em que passaria a maior parte da sua vida, em termos morais. No entanto, à semelhança do que defende Piaget, seria possível retroceder para um estágio mais primitivo (Sutherland, 1996).

Ainda de acordo com esses autores, Kohlberg conduziu estudos longitudinais nos Estados Unidos, na Turquia e Israel, tendo acompanhado os sujeitos da pesquisa durante 15 anos. Concluiu que o desenvolvimento moral completo pressupunha que o indivíduo tivesse alcançado o último estágio do desenvolvimento cognitivo, isto é, o estágio do pensamento formal, com o domínio das estruturas lógico-matemáticas. Contudo, essa condição não seria suficiente para que fosse capaz de tecer julgamentos morais no nível pós-convencional.

Os instrumentos utilizados nas suas pesquisas foram os dilemas morais, para os quais os sujeitos sugeriam uma solução, justificando racionalmente sua escolha; a entrevista clínica, (diálogos com argumentações e contra-argumentações); e vídeos que permitiram analisar a mímica e os gestos dos sujeitos participantes (Kohlberg, 1981).

Para o estabelecimento dos seis estágios e para o diagnóstico do desenvolvimento moral, Kohlberg considerou três pontos: primeiro, o valor moral defendido, representado pelo conteúdo inerente aos argumentos apresentados (punição, lei, vida, liberdade, justiça, papéis afetivos e autoridade), segundo, a justificativa dos julgamentos (estrutura e coerência da argumentação) e, por último, a orientação sócio-moral consciente do sujeito.

Assim, Kohlberg “perguntou às crianças pequenas se é correto roubar quando se está com fome. Perguntou aos adolescentes e aos adultos se a eutanásia deveria ser permitida. Um dos dilemas célebres envolve uma esposa que está muito doente e a precisar de medicamentos, contudo a farmácia está fechada. Será correcto o marido arrombar a loja?” (Sutherland, 1996, p.262). Com esta questão procurava, de um modo geral, saber o que é a justiça. Para tal baseou-se nas respostas dadas e construiu um sistema de seis estágios que se distribuem por três níveis. Desta forma, Kohlberg defende um conceito hierárquico de desenvolvimento moral, que culmina no estágio final do pensamento abstrato, equivalente ao período das operações formais de Piaget. A justiça, de um prisma filosófico, é valorizada como a maior virtude, alcançada quando se atinge o estágio de autonomia moral.

Estes níveis assumem-se como três modos diferentes que o sujeito encontra para se relacionar com as regras morais e as expectativas da sociedade, possuindo um carácter universal. A moralidade pré-convencional seria a correspondente à moralidade heterónoma de Piaget, refletindo o nível moral dos sujeitos que encaram as regras como exteriores a si, reduzindo a justiça e a moralidade como “(...) um conjunto de normas externas, a que se obedece para evitar o castigo ou então para satisfazer desejos e interesses concretos e individualistas.” (Lourenço, 1992, p.90).

Segundo Kohlberg (1981) este nível englobaria crianças com menos de 9 anos, alguns adolescentes e adultos, incluindo uma percentagem significativa de delinquentes e criminosos. O sujeito, para classificar a ação em boa ou má, justa ou injusta, ponderaria as consequências físicas e materiais, o poder de quem dita as

normas de conduta, bem como os seus interesses. Desta forma, o indivíduo não interiorizou ou assimilou a norma moral. A lei surgiria como algo imposto por uma força superior, sendo forçada. A obediência justificava-se com o intuito de evitar a punição (Colby, Kohlberg, 1987, apud Alves, 2002).

A moralidade convencional refere-se aos sujeitos que já interiorizaram as normas e as expectativas sociais, sendo que “(...) o justo e o injusto já não se confundem com o que leva à recompensa ou ao castigo, antes se definindo pela sua conformidade às normas sociais e morais vigentes” (Lourenço, 1992, p. 91). Neste nível haveria uma orientação para uma moralidade interpessoal, ou seja, uma tendência para a ação de modo a que o sujeito conquiste o respeito, estima e consideração dos outros, como descritos por Bataglia e Lepre (2010) acerca dos estágios descritos por Kohlberg.

Correspondendo aos estágios 1, 2 e 3 de Kohlberg, o esquema de interesse pessoal é caracterizado pela necessidade de proteção e bem-estar de si mesmo e de pessoas com quem se tem um relacionamento familiar ou afetivo. O esquema de manutenção das normas, derivado do estágio 4 de Kohlberg, é descrito por meio dos seguintes elementos: necessidade de normas para o estabelecimento de um sistema amplo de cooperação; utilização da lei formal para a estabilização de expectativas e envolvimento entre as pessoas que não são familiares, íntimas ou não se conhecem; uniformidade na aplicação das leis; reciprocidade parcial, uma vez que as leis estabelecem a reciprocidade entre os participantes da sociedade, no entanto, parcial, porque, algumas vezes, a obediência à lei pode não favorecer todas as pessoas de forma equitativa; e dever orientado, pois o respeito pelo sistema social é representado pelo dever de respeito à autoridade, que é legitimado pelas estruturas hierárquicas da sociedade. Apesar de enfatizarem os aspectos positivos do esquema de manutenção das normas e salientarem sua inerência ao desenvolvimento, Rest et al. (1999) advertem que esse esquema, quando exagerado, pode ser prejudicial, abreviando os direitos básicos humanos e a liberdade civil. No esquema pós-convencional, por sua vez, são propostos quatro elementos: a primazia do critério moral, em que a pessoa percebe que as leis, regras, códigos e contratos são arranjos que prescrevem comportamentos e que podem ser organizados de diferentes formas; a busca de um ideal construtivo para transformar a sociedade; a capacidade de compartilhar ideais, em justificar um ato que sirva aos objetivos do grupo, gere novas cooperações e bem comum, e seja consistente e pautado em princípios; e a reciprocidade total, que implica não somente a aplicação uniforme das normas sociais, mas também em seu questionamento (BATAGLIA; LEPRE, 2010, p.310).

Kohlberg (1981), Bataglia e Lepre (2010) referem, neste nível do desenvolvimento moral, os sujeitos possuírem uma perspectiva sócio-moral de alguém que vive em sociedade e que sujeita os seus interesses e as suas necessidades individuais às necessidades do grupo. Alcançar este nível significa

que os indivíduos são capazes de fazer a distinção entre moralidade e convenção social, privilegiando, no entanto, a moralidade como um sistema de regras e papéis socialmente partilhados.

Desta forma, ficam evidentes as diferentes orientações no que concerne à moralidade característica deste estágio. O primeiro caso converge para o meio interpessoal, para um estereótipo social, enquanto o segundo indivíduo, apesar de também haver uma orientação interpessoal, preocupa-se em deixar transparecer uma boa imagem de si. Já o terceiro caso denotaria uma orientação para a ordem, imparcialidade e consistência do sistema social.

Em suma, neste nível já ocorre a interiorização das normas e expectativas sociais, sendo que o indivíduo se sentirá membro da sociedade, partilhando as suas opiniões e assumindo a lei como elaborada por e para toda a gente (Colby, Kohlberg, 1987, apud Alves, 2002).

O terceiro nível seria o denominado de pós-convencional, ou da autonomia e dos princípios morais. Apenas seria alcançado por uma fração mínima e geralmente após os 20-25 anos, “(...) para quem o valor moral das ações depende menos da sua conformidade às normas morais e sociais vigentes e mais da sua conformidade a princípios éticos universais, tais como direito à vida, à liberdade ou à justiça.” (Lourenço, 1992, p.92). Enquanto isso não seja possível, as leis deveriam ser transformadas e até desobedecidas.

Kohlberg (1981) menciona que, neste nível o indivíduo procura conceber as normas morais como manifestações imperfeitas de algo que se assumiria como um “absoluto moral”, pelo que todas as pessoas deveriam se reger por elas em quaisquer circunstâncias. Esta perspectiva seria a de um indivíduo que se compromete com os princípios morais que deveriam suportar uma sociedade boa e justa. Esta sociedade seria descabida se não estivesse a serviço dos direitos individuais fundamentais, isto é, reversíveis, prescritivos e universais. Estes aspectos seriam cruciais na medida em que o indivíduo se sente obrigado a respeitá-los, não por imposição externa, mas por auto-imposição.

Além dos três níveis de moralidade que foram analisados, a teoria de Kohlberg aponta para a existência de seis estágios de desenvolvimento moral. Desta forma, procuraram-se delinear as etapas do juízo moral na adolescência, através do

desenvolvimento de um modelo de identificação dos estágios do pensamento moral (Claes, 1990, apud Alves, 2002).

Cada nível de moralidade comportaria dois estágios diferentes, correspondendo o segundo estágio a uma fase moral e cognitivamente mais avançada e complexa que o anterior. Do ponto de vista moral seria mais avançado por se aproximar da perspectiva moral-racional-universal-ideal.

A sequência de estágios proposta por Kohlberg afigura-se como um dos instrumentos mais fidedignos para identificar as mudanças ocorridas no domínio moral durante a adolescência. Isto está patente na passagem do nível pré-convencional (estágio 1 e 2), característico da infância, para o nível convencional (estágio 3 e 4), aparentemente característico da adolescência. Por último, após os 20-25 anos, atinge-se o nível pós-convencional, próprio da idade adulta.

1.2. VALORES MORAIS E ÉTICA

Na concepção de Jean Piaget (1896-1980), “os valores são investimentos afetivos”, isso significa que, apesar de se apoiarem em conceitos, estão relacionados às emoções, tanto positivas quanto negativas. Logo, educar para os valores é ajudar os filhos ou alunos a descobrirem ideias e valores em que realmente se acredita. Piaget cita, ainda, que os valores são uma troca afetiva que um determinado sujeito realiza com o exterior, ou seja, com objetos ou pessoas. Ele “recusa tanto as teses aprioristas de que os valores são inatos quanto as teses empiristas de que eles são resultantes das pressões do meio social sobre as pessoas” (Apud ARAÚJO, 2007, p.20).

Puig (apud ARANTES, 2007, p.110) também pode nos ajudar a entender o que são valores:

Assim, ao afirmar que os valores humanos são valores morais que refletem na conduta das pessoas e podem também ser considerados valores sociais e éticos, e constituem um conjunto de regras estabelecidas para uma convivência saudável dentro de uma sociedade os relativizamos, o que é para um, não é para o outro.

Frequentemente confunde-se moral e ética quando nos referimos indistintamente ora ao universo das normas e dos valores sociais, ora quando

referimos ao fato de que a ética e a axiologia têm o mesmo significado, não estabelecendo quaisquer fronteiras e limites entre cada uma delas, dada a natureza da sua proximidade.

Uma das razões para isso acontecer reside no fato de existirem duas palavras para mencionar o domínio valorativo da ética e da moral através da sua origem grega e latina, de raiz etimológica distinta: assim, o termo ética deriva do grego *ethos*, evocando o lugar onde se guardavam os animais, tendo evoluído para o lugar onde germinam nossas ações, ou seja a interioridade dos homens, tendo, mais tarde passado a significar, com Heidegger, a habitação do ser, e – *éthos* – que significa comportamento, costumes, hábito, caráter, modo de ser de uma pessoa. Enquanto a palavra moral, que deriva do latim *mos*, (plural *mores*), refere-se a costumes, normas e leis.

Para além disso, os termos ética e moral aplicam-se tanto a pessoas quanto a sistemas ou teorias morais, o que agrava, ainda mais, o estado de confusão, pois, quando desejamos classificar a natureza da ação humana e de sistemas mais alargados em que os sujeitos se inserem, o cidadão comum oscila sempre indistintamente sobre a utilização de cada um desses termos.

Há quem considere, no entanto, que não faz qualquer sentido estabelecer estas distinções, pois todas acabam por referir-se ao mesmo universo; contudo, não é bem essa a nossa opinião por considerarmos estar subjacente à identificação e delimitação destas diferenciações terminológicas um modo de agir e de pensar interrogativo e reflexivo distintos daquele que sucederia, caso não as reconheçêssemos como tal.

Neste sentido, por exemplo, não terá significado idêntico referenciar moral e ética sob a mesma perspectiva para falarmos de uma única realidade valorativa, pois, enquanto a moral refere-se a um conjunto de normas, valores (ex: bem, mal), princípios de comportamento e costumes específicos de uma determinada sociedade ou cultura, a ética tem por objeto de análise e de investigação a natureza dos princípios que subjazem a essas normas, questionando-se acerca do seu sentido, bem como da estrutura das distintas teorias morais e da argumentação utilizada para dever manter, ou não, no seu seio determinados traços culturais; enquanto a moral procura responder à pergunta: como devemos viver? A ética

confronta-se com a questão: por que vivemos de determinada maneira e não de outra?

A ética é essencialmente especulativa, não há uma fórmula pronta e acabada de como viver com sucesso, a ética preocupa-se em como a moral é fundamentada; e a moral, é eminentemente prática, voltada para a ação concreta e real, para um certo saber fazer prático-moral e para a aplicação de normas morais consideradas válidas por todos os membros de um determinado grupo social (Pedro, 2014, p.486).

Contudo, apesar de estes conceitos serem distintos, existe uma estreita articulação entre si, na medida em que a ética tem como objeto de estudo a própria moral, não existindo desligada uma da outra, mas sendo independentes entre si. Neste sentido, tanto a ética implica a moral, enquanto matéria-prima das suas reflexões e sem a qual não existiria, como a moral implica a ética para se repensar, delineando, assim, entre elas uma importante relação de circularidade ascendente e de complementaridade.

Em relação à tríade de valores, moral e ética, podemos aduzir valores morais e valores éticos; todavia, nem a moral nem a ética diminuem o seu campo de pensamento e de ação somente a este tipo de valores, dado que o mundo dos valores é imenso e infinito.

Os valores, enquanto objeto de estudo e de reflexão filosófica, remonta à antiguidade grega e podemos percorrer os caminhos deixados por Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), o qual se insurgiu contra o relativismo moral sustentado pelos sofistas, contrapondo-lhe a universalidade dos valores éticos, por Platão (427 a.C.-347 a.C.), que escolheu um rumo diferente do seu mestre ao transpor a reflexão valorativa para o mundo metafísico das ideias (Teoria das Ideias), que mais não é do que uma Teoria dos Valores, culminando na Ideia de Bem; Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), quem primeiro apresentou uma autêntica teoria sistemática dos valores (Teoria das Virtudes) e que, por sua vez, remete a questão da transcendência da Ideia de Bem para o plano imanente, da realidade empírica; e, mais tarde, Kant (1724-1804), entre outros, cuja ideia de valor é deslocada para o domínio da consciência pessoal e individual caracterizada por um forte formalismo moral em que os valores são, pois, vazios de conteúdo (agir no dever pelo dever), dependendo apenas de juízos de valor emitidos pela consciência e não pelo que o real apresenta.

Em contraposição com o formalismo moral kantiano, os defensores da concepção material dos valores reconheceram a estes um conteúdo concreto, real. Deste último ponto de vista, os valores já não constituem um a priori, pois, tanto podem ser relativos (dependendo das valorações do sujeito) como absolutos (existentes em si mesmos enquanto entes), pelo que vão ser estas posições – subjetivismo e objetivismo – que vão marcar, doravante, grande parte da natureza das discussões axiológicas.

Portanto, o ato de valoração – que é feito por um sujeito que não pode deixar de valorar, pois, valorar é existir – é, por um lado, subjetivo e relacional e, por outro lado, objetivo e material, porquanto esse valor advém de um objeto que possui um determinado conjunto de qualidades que não foram indiferentes ao sujeito que as apreciou.

Para elucidar a questão de significados, vejamos a definição de Paulo Ricoeur (1990, p. 200) para os termos ética e moral:

É por convenção que reservarei o termo ética para a busca (visée) de uma vida realizada (accomplie) e o de moral para a articulação dessa busca com normas caracterizadas ao mesmo tempo pela pretensão à universalidade e por um efeito de coação.

Ricoeur define a ética como uma busca do que seja uma vida realizada ou seja, uma vida boa, uma vida feliz.

Em Comte-Sponville, e Ferry (1998, p.214), filósofos franceses, vimos que “a moral está dentro da ética (responder à pergunta ‘como viver?’ é, entre outras coisas, perguntar-se que lugar reservar aos deveres), bem mais do que a ética está dentro da moral (responder à pergunta ‘que devo fazer?’, ainda não permite saber como viver e nem mesmo – uma vez que a vida não é, aos meus olhos, um dever – se é preciso viver)”.

1.2.1 – Adolescência, ética e valores morais

Etimologicamente, a palavra "adolescente" vem do particípio presente do verbo em latim *adolescere*, crescer. Apesar de considerarmos a fase da adolescência uma "invenção sociológica" relativamente recente, a palavra adolescente é cerca de cem anos mais antiga do que a palavra adulto. A adolescência é criada

historicamente pelo homem, como representação e como fato social e psicológico. É constituída como significado na cultura e na linguagem que permeia as relações sociais. Fatos sociais surgem nas relações e os homens atribuem significados a esses fatos; definem, criam conceitos que expressam esses fatos. Quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos atribuindo significações (interpretando a realidade), com base em realidades sociais e em “marcas”, significações essas que serão referências para a constituição dos sujeitos.

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos, este critério é utilizado principalmente para fins estatísticos e políticos. Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. Nas normas e políticas de saúde do Ministério de Saúde do Brasil, os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142).

Muitas teorias estudam o adolescente buscando explicá-lo em termos psíquicos e somáticos, enquadrando-o numa etapa caracterizado por uma fase de “crise” devido as mudanças corporais e conflitos familiares, que uma vez superadas estaria pronto e adaptado à estrutura do mundo adulto, da sociedade, do sistema dominante. Porém, podemos entender o jovem não somente um representante de uma fase do desenvolvimento humano, uma condição biológica ou psíquica. De acordo com Juarez T. Dayrell, professor da Faculdade de Educação e coordenador do Observatório da Juventude da UFMG.

a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e

também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (Dayrell, 2003, pp.40 e 41).

Sendo assim, a juventude se organiza de acordo com as vivências sócio-históricas dos indivíduos, ou seja, as sociedades e diferentes círculos sociais constroem sua juventude de maneira única, moldadas pela diversidade dessa fase compostas por diferentes classes sociais, etnias, valores, crenças, entre outros. Dessa forma, caracterizar a juventude como uma faixa etária que possui duração preestabelecida, como consta no ECA e documentos da OMS, nos auxilia muito mais a compreender suas fases de desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento moral do que quanto sua formação como sujeito histórico social.

A adolescência é um período na vida em que se começa a enfrentar todos os dilemas de uma sociedade complexa pelo fato de nesta fase se estar vivendo uma dimensão significativa e contraditória do processo de construção da identidade e da superação de uma fase caracterizada pelo “ritual de passagem” para uma nova.

O principal dilema desse período é a tarefa de olhar para o futuro. É a perspectiva de enfrentar esse desafio que força o jovem a se confrontar com os problemas do contexto social, que não pode ser desconsiderado.

Outra face importante da adolescência será o processo de desenvolvimento moral e a aquisição de valores e ideais como a justiça, liberdade e equidade. Kohlberg (1981) aponta a adolescência como sendo um período de construção de valores sociais e de interesses por problemas éticos e ideológicos. O adolescente almejará a perfeição moral, expressando um grande desapego, o que frequentemente originaria revoltas por descobrir que a sociedade não se coaduna com os valores que defende.

Piaget defendia que o adolescente se encontrava na fase de autonomia, por construir juízos independentes, não aceitando valores interiorizados a partir de pais e adultos. Parece haver correspondência com o estágio das operações formais. Constata-se uma racionalização dos problemas morais a um nível mais abstrato, compreendendo a relatividade das regras. A punição deveria ser adequada à infração e as circunstâncias.

Lawrence Kohlberg, tendo por base o modelo piagetiano, realizou diversos estudos nesta área, apresentando dilemas morais a indivíduos que entrevistava. Como visto anteriormente, ele concluiu que o caráter moral desenvolve-se ao longo

de seis estágios específicos, independentemente da cultura. Seria uma abordagem cognitivo-desenvolvimentista que procurou definir o modo como o ser humano encara as normas e princípios que devem reger a conduta interpessoal (pensamento moral), e pelo modo como os põem em prática (ação moral). Segundo este autor não é possível enquadrar adolescência num único nível de desenvolvimento moral e, muito menos, num único estágio. Contudo, o nível pré-convencional parece ser característico da infância (estágio 1 e 2) e o nível convencional seria próprio dos adolescentes (estágio 3 e 4).

No estágio 3 haveria preocupação em manter a confiança interpessoal e a aprovação social, manifestando uma orientação moral para “o bom rapaz ou a boa moça” o que revelaria a adoção da regra de ouro de tratar os outros como gostaria de ser tratado. Já os indivíduos do estágio 4 defenderiam que os interesses individuais só seriam legítimos se fossem consistentes com a manutenção global do sistema sócio-moral. Haveria orientação para o respeito pela lei socialmente aceite, sendo critério de justiça e moralidade.

O fato é que os valores morais devem ser “ensinados” aos adolescentes. Há uma grande divergência entre vários autores sobre quais valores devem ser trabalhados, porém, todos convergem na ideia de que o educador precisa saber o que quer ensinar. Libâneo (2002, p.8) afirma que “é preciso que a escola contribua para uma nova postura ético valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade da diferença, o respeito a vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções democráticas”. É essencial trabalharmos valores, assim como saber e conhecer como e quais valores serão trabalhados.

Recorreremos à definição dada por Puig (1998), que afirma que as virtudes humanas são o conjunto de disposições admiráveis que delineiam o melhor do caráter de um sujeito. Segundo o estudioso, elas não são inatas e, portanto, para serem construídas como traços de caráter, precisam ser praticadas com regularidade. Uma vez adquiridas, o próprio exercício de mantê-las presente, fará com que tenham estabilidade e durabilidade.

Podemos considerar que existem diferentes tipos de virtudes: as morais, como a justiça, que são percebidas desde cedo - a criança, por exemplo, quando passa por uma situação em que percebe que está sendo tratada diferente do colega

ou do irmão, prontamente, se manifesta -, aquelas que, embora não sejam morais, contribuem para o exercício de outras, a coragem está entre elas pois, é preciso tê-la para assumir a responsabilidade por um dano ou para intervir quando vemos que alguém está sendo injustiçado ou humilhado. Nesse caso, ela pode fortalecer a honestidade e a justiça. De acordo com Souza (2009), os valores são perceptíveis através de fontes sociais.

Quando se restringe a sala de aula o que se percebe é que as fontes das relações interpessoais se referem a professores e alunos e, também, entre os alunos. Essas relações enfatizam que valores se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas manifestações culturais, nos movimentos e organizações sociais e também na sala de aula e isso é de fundamental importância na sociedade contemporânea, imersa numa rede complexa de situações e fenômenos que exige, a cada dia, intervenções sistemáticas e planejadas de pessoas preparadas para exercer seu papel junto ao meio social. Dessa forma, pode-se dizer que, o compromisso do educador é com a cidadania, implicando na prática de princípios éticos, respeito, solidariedade, responsabilidade, uso construtivo da liberdade e autonomia (SOUZA, 2009, p. 02).

As virtudes que dão origem a outras, como a polidez, por exemplo, o uso regular das expressões “por favor”, “com licença” e “obrigado” possibilitam o desenvolvimento do respeito ao próximo, da socialização e da gratidão.

Os valores humanos trabalhados de forma interativa em uma aula são passados ao estudante através de debates, leituras, contos, vídeos, e os memes como atividades que reforcem os temas propostos e o estimulem a refletir sobre os valores e a vivenciá-los na prática de seu dia-a-dia.

Sendo a escola o lugar que se permite ou deveria consentir a aquisição e a construção de conhecimentos sistematizados e uma ampla convivência social, fica clara a sua responsabilidade de adotar uma postura cultural e moral de garantir acesso ao conhecimento e também contribuir com o desenvolvimento moral das crianças e adolescentes. No entanto, ainda há um grande caminho a ser percorrido em relação, não apenas, a melhorias na qualidade da educação, mas também na questão do trabalho e desenvolvimento dos valores morais que contribua para a construção de uma sociedade melhor.

Essa situação de crise levou La Taille e Menin (2009) questionarem se vivemos atualmente uma crise de valores ou se esses estão em crise. Perguntas como: onde estão os valores morais na instituição educativa? Como são trabalhados e estimulados nos alunos? O que houve com os valores? Perderam-se no caminho? Ficaram para trás, junto com os métodos clássicos de ensino, os chamados métodos

tradicionais? No entanto, a crise não se dá apenas no âmbito escolar, ocorre nos mais variados âmbitos de convívio social, bem como as várias redes sociais estão acometidas por esta mesma “crise”.

Considerando que essa chamada crise de valores vem sendo motivo de preocupação e alvo de estudos e em diversos níveis, somam inúmeras tentativas de entender e de atuar sobre essas questões que cercam a educação, o professor, a sociedade, ou seja, todos os agentes e aspectos que estão em consonância com esta temática.

Nosso intuito ao pesquisar o conhecimento e a compreensão de valores pelos alunos do Ensino Médio, utilizando os memes como recurso pedagógico, foi estimulá-los a interagir com os conteúdos discutidos e analisados e, expressarem-se numa linguagem atual e virtual que faz parte de sua cultura e cotidiano. Unimos, assim, dois locus importantes para a divulgação, conhecimento e desenvolvimento de valores: as redes sociais e a escola. Optamos por trabalhar com os estudantes os valores: justiça, honestidade, tolerância, solidariedade e respeito.

Vejamos algumas possíveis conceituações dos valores analisados:

A justiça é considerada a mais racional das virtudes e o objeto por excelência da moralidade, tendo sido foco dos trabalhos de Piaget e de Kohlberg. Além disso, é a única virtude que corresponde ao binômio direitos/deveres, sendo a reciprocidade uma de suas características (LA TAILLE, 2009).

A escolha do valor Honestidade se justifica por ser tanto individual como social e de suma importância para nossas vidas, no entanto, esse tema normalmente está atrelado à corrupção. A escassez bibliográfica de definição desse valor é tamanha que levou Ferreira a se aprofundar na temática em sua pesquisa de mestrado.

Embora a temática seja atual e urgente para o momento social que vivemos, poucos são os estudos que trazem pesquisas e reflexões referente a este valor moral. O pouco que encontramos não trata diretamente do valor da honestidade, mas da desonestidade e trapaça, pois parece ser mais fácil falar da imoralidade do que da virtude (FERREIRA, 2018, p.61).

FERREIRA (2018), estudou sobre outros valores, tais como justiça, para poder, finalmente, conceituar Honestidade, conceito que adotamos durante nossas oficinas de memes (Capítulo 4), e esclarece que

Consiste no respeito ao que é particular, público e coletivo; em um modo de vida coerente entre o que se pensa e o que se faz, em comportar-se e expressar-se com empatia colocando-se no lugar do outro para saber se

devo ou não ter determinado comportamento. Honestidade é respeitar a parte de cada um primando pela harmonia do conjunto, da totalidade, é o princípio de toda democracia com a garantia de que todos podem e devem fazer a mesma coisa. Ser honesto resume-se em praticar o que é racionalmente correto ainda que ninguém esteja observando. É preservar-se dos conflitos de interesses para não se deixar contaminar pelas tentações individuais. É proceder com autonomia, consciente de que o ato a ser praticado é um dever, sem esperar recompensas em troca. É agir por racionalidade moral pensando no bem-estar da coletividade, considerando-a vital e fundamental no convívio em sociedade, orientando práticas e estratégias de conduta nas intenções e ações (pp.70/71).

A palavra Tolerância vem do latim *tolerare* (sustentar, suportar). É um termo que define a intensidade de aprovação diante de um ambiente diferente de uma regra moral, cultural, civil ou física, é um valor muito necessário que contribui com a estabilidade e paz social, necessário, especialmente, em tempos onde as redes sociais deram voz à ataques e desqualificação do outro e suas concepções. Tolerar é uma atitude social ou individual que nos leva não somente a reconhecer nos demais o direito a ter opiniões diferentes, mas também de as difundir e manifestar pública ou privadamente.

A escola segue sendo um espaço privilegiado, juntamente com o ambiente familiar, para o cultivo e aprendizagem de valores, inclusive a tolerância, um valor vital numa democracia participativa. No ambiente escolar, o cultivo da tolerância desenvolve-se por meio do crescimento individual, do respeito pelo outro, do reconhecimento da diversidade humana como uma grande riqueza, um imenso repertório de projetos e perspectivas. Nenhuma dessas características floresce sem uma vivência efetiva de tais valores, no seio de um discurso que continuamente alimenta e qualifica a ação.

De acordo com a definição do filósofo estadunidense Thomas Scanlon (2003, p. 187), a atitude ou prática tolerada encontra-se a meio caminho entre a convicção e o repúdio, entre aquilo que é moralmente verdadeiro e aquilo que é inaceitável. Ela é uma virtude difícil, em primeiro lugar, porque não é claro que tipo de valor a fundamenta. Por que afinal teríamos um dever de tolerar aquilo que - da nossa perspectiva - é errado? Tolerar é difícil também porque os limites daquilo que é socialmente aceitável nos parecem permanentemente contestáveis.

Acreditamos que a Solidariedade também é um valor de extrema importância em nossa sociedade pois nos reporta à humanização por se tratar de uma virtude que exige compreensão e reversibilidade, disponibilidade e altruísmo. Tais

sentimentos e atitudes demandam aprendizagem, desenvolvimento e treino, mediação e convívio, ou seja, tudo aquilo que o ambiente educacional pode e deve oferecer.

Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, versou em suas obras a necessidade de um povo com consciência crítica a fim de acabar com a desigualdade social. Nesse ponto, ele explicita o que seria a solidariedade e a diferencia da caridade:

(...) é partilhar da luta dos que tentam escapar de suas variadas formas de opressão. É uma manifestação de apoio e uma postura existencial e política. Partilhar da luta do outro contra a opressão é unir-se a estes outros na conquista da justiça social. E ir além da caridade, que fornece ajuda pontual, mesmo que contínua: é assumir uma ação libertadora (FREIRE, 2009, p. 101)

Do ponto de vista ético e moral, a solidariedade é um valor de extrema importância que se associa ao respeito e à justiça.

Comte-Sponville (2009, p.98) resgata o sentido etimológico da palavra solidariedade em sua obra *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, que deriva do latim *in solido*, remetendo à solidez. Assim como o estado de alma, a solidariedade é o sentimento de interdependência entre as pessoas, seja motivado pela justiça ou pela generosidade.

Piaget, em seus estudos sobre a solidariedade nas crianças identificou dois tipos de solidariedade e as nomeou como *externa*, na qual os indivíduos seriam solidários entre si por obediência às regras exteriores, sem decisões próprias ou assumidas, que coincidem com a fase pré-operatória de construção de pensamento; e a solidariedade interna, onde os indivíduos estariam sujeitos às regras elaboradas por eles mesmos, por uma disposição intrínseca que corresponderia à etapa de autonomia moral por se caracterizar pelas condições de reversibilidade, de altruísmo e reciprocidade, entre outros. Estudar, discutir, pensar sobre o valor solidariedade em sala de aula pode levar os alunos uma melhor compreensão de seu significado e a reflexão de suas atitudes.

Respeito é um valor que, devido à sua importância e aspiração, exige pouca explicação sobre a motivação para sua escolha, no entanto, cabe algumas importantes considerações sobre a temática.

Ao consultarmos os dicionários, encontramos a etimologia da palavra, que deriva do latim *respectus* e suas definições atreladas ao sentimento positivo de

apreço e consideração por alguém. No entanto, seu conceito ultrapassa essa explicação simplista, entendemos o respeito como a valorização de todos os indivíduos, considerados em sua singularidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, p. 96, evidencia o que seria respeito e relações pautadas nesse valor e a sua reciprocidade: “Destacamos uma forma de respeito, o mútuo, que se define pela reciprocidade das relações: ao dever de respeitar o outro, articula-se o direito, a exigência de ser respeitado”.

Dessa forma, fica evidente como o respeito se atrela a outros valores de que escolhemos para trabalhar nessa pesquisa, em especial a tolerância, por fugir da esfera de tolerar e respeitar apenas àqueles a quem temos afinidades, mas são valores que precisamos trabalhar para que ocorram entre todos indivíduos.

1.3. MEMES

Podemos dizer que o termo meme teve origem com os filósofos gregos Platão e Aristóteles. Platão ao tentar definir Mimese que, em sentido amplo, significa imitação, mímica, representação, ato de expressão e apresentação do eu, via na mimesis a representação do universo perceptível, para ele toda a criação era vista como uma imitação, até mesmo a criação do mundo. Já Aristóteles em “A Arte Poética” irá tratar como temática principal de sua obra, e atribui a mimese dois significados: o da imitação e o da emulação.

Em oposição ao seu mestre Platão, Aristóteles vê a imitação (mimesis) de modo positivo. Para ele, trata-se de um processo que é compartilhado tanto pela natureza, como pela arte; é dessa forma que interpretamos a famosa afirmação de que “a arte imita a natureza”. Assim, em lugar de associar a imitação ao falso e enganoso, a imitação da natureza por parte da arte não é um retratar, realizar uma simples cópia do real, mas um fazer como, produzir à maneira de (imitar um processo). Imitação como produção (LEMOS, 2009, p.84).

O termo meme foi apresentado no livro *O Gene Egoísta* de Richard Dawkins, em 1976, para se referir a uma nova unidade de replicação que, de forma semelhante ao papel exercido pelos genes na evolução biológica, seria responsável pela transmissão de conteúdos de uma determinada cultura. Então, de acordo com

essa definição, qualquer conhecimento cultural que possa ser transmitido de um indivíduo a outro, é um meme. Dawkins (1976) conceituou, no último capítulo de seu livro, a definição de meme:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com "memória", ou à palavra francesa mème. (DAWKINS, 1979, p. 214)

No entanto, a entendimento mais utilizado sobre o que é meme se consagrou com a psicóloga britânica Susan Jane Blackmore (2000), na obra *The Meme Machine*, onde descreve que "[...] memes são instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação" (BLACKMORE, 2000, p. 17).

O mundo virtual apropriou-se do termo para se referir a algo que se popularize através da internet e podemos definir a expressão meme de Internet como sendo imagens, vídeos ou Gif's relacionados ao humor, sátira, crítica social, entre outros, que viralizam de maneira incisiva e são espalhados massivamente por usuários no ambiente digital, principalmente nas redes sociais. De acordo com Cândido e Gomes (2015, p.1295)

Meme é uma pequena informação transmitida. Apesar de que seu significado seja imitação, ele não se estringe à tal. A transmissão, ou "replicação" dos memes é na verdade, mais que uma simples transmissão cérebro a cérebro. É uma forma de expressar algo, de explicitar fatos que nos cerca, além de caracterizar um novo modo de expressão.

O meme, já considerado um gênero textual da era digital, se popularizou nos últimos anos em todo o mundo, se manifestando-se de maneiras diversas no ciberespaço e tem sido objeto de artigos acadêmicos, estudado por pesquisadores e utilizado por professores como forma de enriquecer a experiência de ensino-aprendizagem. Araújo (2019), em seu mestrado profissional em história, fez uma análise sobre as representações racistas em memes na sala de aula, possibilitando algumas "reflexões teórica referentes à problematização em sala de aula da natureza representativa dos memes em sua emergência como fenômeno cultural da internet que fez surgir um modo de comunicação com significações e concepções de

mundo na pluralidade de suas criações e recriações, podendo constituir racismo” (ARAÚJO, 2019, s/p). Vejamos alguns memes utilizados para essas análises:

Figura 1: Memes “nego”



Fonte: Araújo, 2019, adaptado.

Pelas imagens, verifica-se uma naturalização do racismo por meio dos discursos contidos nos memes, que são representações de práticas culturais da nossa sociedade.

Ainda sobre o tema racismo, *Rastros da senzala nos memes de internet*, artigo apresentado pelos doutorandos em comunicação da Universidade da Amazônia, COELHO e COSTA (2018, p.930), identificam e examinam

através de recortes delimitados, representações sobre afrodescendentes em programas de humor, observando determinantes históricos, sociais, econômicos e culturais e refletindo sobre como tais representações podem ter influenciado nos processos de afirmação da identidade negra do povo brasileiro de ascendência africana.

O trabalho desses pesquisadores trás um meme publicado por uma empresa com conteúdo racista o qual retrata o fenótipo negro como algo sujo e em seguida, as manifestações dos internautas sobre o tema obrigando a empresa a se retratar.

Figura 2: Memes racistas



Fonte: Coelho e Costa, 2018, adaptado.

A análise de memes imbuídos de racismo demonstra a necessidade de analisarmos o fenômeno meme na contemporaneidade e de problematizar visualidades que ajudam a construir as nossas visões de mundo e valores morais.

Encontramos, também, os memes sendo utilizados como instrumentos pedagógicos de usos diversificados em diferentes componentes curriculares, podendo ser um auxiliar na compreensão dos conteúdos estudados, para estimular o interesse dos alunos pelo tema, entre outras possibilidades.

A professora de inglês do município de São Paulo, Mariana L. Ferreira, levou os memes com textos em inglês para a sala de aula visando “explorar como o trabalho com um gênero familiar para os estudantes (memes), mediante proposição de memes pelos alunos, poderia empoderá-los para olharem criticamente e, na medida do possível, transformarem suas realidades em outras situações” (PESCE e FERREIRA, 2019, p.136). Alguns memes que a professora utilizou com seus alunos em sala de aula:

Figura 3: Memes para aulas de inglês

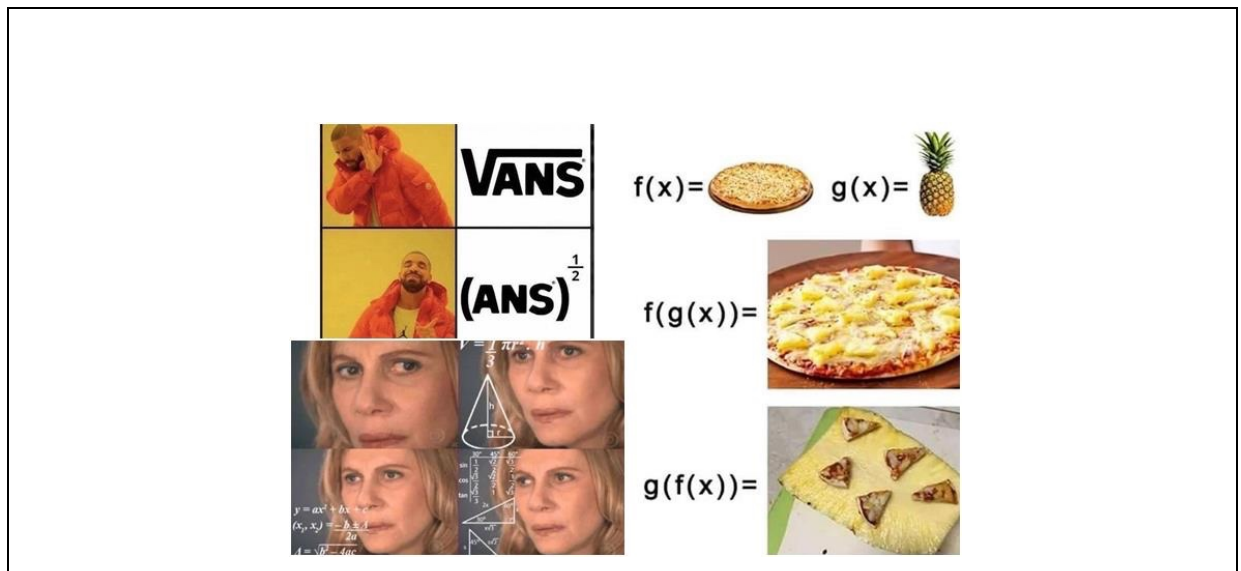


Fonte: Pesce e Ferreira, 2019, adaptado

Além da análise da língua inglesa, a professora trabalha questões culturais, fazendo com que os alunos desenvolvam senso crítico.

A utilização dos memes como suporte pedagógico também foi tema de estudo e aplicação em sala de aula da professora de matemática Andreia Luisa Friske, que observou aumento de interesse dos alunos no professor “quando esse se utiliza de fotos, vídeos e memes engraçados e divertidos que circulam incessantemente nas redes sociais, tornando essa conexão dos jovens com a internet um grande concorrente das aulas de matemática” (2018, p.2). Exemplo de memes utilizado pela professora como forma de chamar atenção de seus alunos para a explicação de conteúdos:

Figura 4: Memes para aulas de matemática

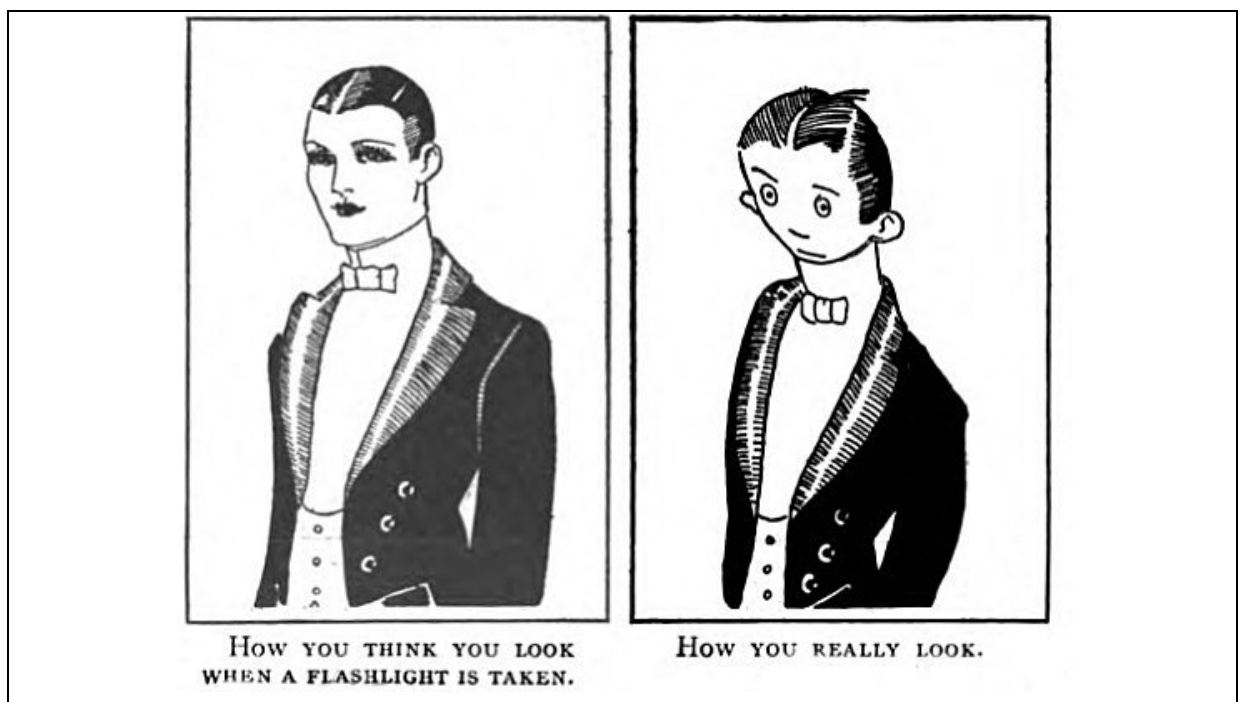


Fonte: Friske, 2018, adaptado

Desse modo, os memes podem ser um meio de reconectar os alunos à produção do conhecimento matemático, fazer com que eles troquem ideias e falem sobre (FRISKE, 2018, p.2).

Apesar de ter se popularizado nos últimos anos, uma edição de 1921 da Judge Magazine, publicou algo que poderíamos reconhecer facilmente como um meme, vejamos:

Figura 5: Meme Judge Magazine



Fonte: https://www.vice.com/en_us/article/mbxkwy/meme-1921-expectation-vs-reality-judge-magazine-comic-twitter

O quadrinho traz um homem todo arrumado desenhado caprichosamente e de maneira realista e o outro parece um desenho de criança. No texto da tirinha lemos “Como você acha que está quando seu retrato é tirado/ Como você realmente está”.

A popularização do termo e sua utilização constante são resultados da propagação da internet, onde qualquer pessoa pode se tornar um gerador de memes. Assim, a internet favorece a criação e propagação de memes devido a fatores como facilidade e velocidade de propagação, a evolução do mundo digital e fortalecimento das redes sociais.

Mesmo que tenha conquistado público de faixas etárias diversas, o meme faz mais sucesso entre os jovens. Encontramos milhares de páginas nas redes sociais que unem milhares de adolescentes com temas relacionados ao cotidiano juvenil. Basta um rápido acesso à internet para encontrarmos crianças e adolescentes compartilhando e produzindo com surpreendente habilidade e facilidade conteúdos em forma de memes.

Geralmente, os memes são montagens feitas com textos e imagens (pessoais ou retiradas da internet) que se referem às situações cotidianas, celebridades, políticos entre outros. Essas produções exigem que o criador possua algum domínio da linguagem digital e redes sociais, fazem com extrema destreza e sem orientações feitas pelas escolas ou família. Portanto, os conteúdos produzidos e compartilhados podem não carregar apenas um inocente significado de humor ou críticas sociais, muitas vezes estampam preconceitos, desrespeitos, ocasionando enormes prejuízo às pessoas direta ou indiretamente envolvidas com a temática do meme produzido e viralizado no mundo virtual.

Compreender a ascensão de uma nova forma de participação no contexto juvenil é, sem dúvida, um passo importante para intervenções educativas e para transformação da realidade social.

1.3.1. Memes como instrumento pedagógico para a compreensão de valores morais

Historicamente, vivemos um contexto de rápidas mudanças, que exige de nós contínuas vivências sobre o que é novo, novas formas de fazer, de pensar e agir. Parte dessas mudanças estão ligadas à virtualidade das relações, do acesso às

informações e formas de interações. No entanto, a facilidade de acesso virtual às pessoas e informações não garante relações éticas, apropriação crítica do conhecimento e informações.

Relacionamos os memes, as redes sociais e a escola para analisar de maneira mais enfática os significados compartilhados e os discursos presentes nos memes escolares, que podem ser virtualmente reveladores da necessidade de um trabalho pautado na moralidade e na ética. Para efetivar a investigação sobre o desenvolvimento moral, nos pautamos nas teorias cognitivo-construtivista de PIAGET (1994/1998) e KOHLBERG (1981/1992) além de pesquisas realizadas no Brasil, em especial LA TAILLE (2009).

No que se refere à educação moral, utilizamos, sobretudo, os estudos de PUIG, expresso no livro *A construção da personalidade moral*, da qual são apresentadas possibilidades de atividades que visam a construção da moralidade. Acreditamos que os memes possam se converter em instrumentos importantes nessa construção, como por exemplo, na clarificação de valores.

Ensinar sobre valores morais na escola é o foco deste trabalho. Puig (2007, p. 104), contudo, alerta-nos que “a educação em valores não é algo que se alcance simplesmente porque se acredita ou se deseja; é preciso encontrar meios para realizar de fato o que se imagina”.

Pensando nas relações entre esses significados compartilhados no mundo virtual enxergamos os memes como algo relevante e significativo que podem ser trazidos ao ambiente escolar promovendo e despertando o interesse dos estudantes e sua maior interação com os assuntos discutidos durante as aulas, estimulando sua maior participação através de algo que seja parte de seu cotidiano e cultura. O meme pode nos auxiliar, dessa forma, na compreensão de como os adolescentes assumem os valores que orientam seus comportamento e como ocorre o desenvolvimento dentro desse novo universo virtual mas, que traz consequências relevantes para a vida real.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é conhecer e compreender as possíveis contribuições dos memes na imersão e compreensão de valores morais em adolescentes dos 1º anos A e B do Ensino Médio de uma Escola Estadual de Araçatuba.

A escolha do uso de memes para tratarmos sobre valores com os adolescentes se justifica porque acreditamos que a relação entre os valores abordados e as situações práticas requerem que os procedimentos de educação moral promovam algum tipo de interação entre o que está sendo discutido e a realidade da vida, para que deixem de ser meros construtos teóricos e passem a ser questões práticas da vida diária (PIAGET, 1998; KOHLBERG, 1992; BIAGGIO, 2002; PUIG, 1998; COMTE-SPONVILLE, 2009; LA TAILLE, 1998, 2009).

Analisar os memes produzidos e compartilhados nas redes sociais por adolescentes sobre valores significa procurar diagnosticar, primeiramente, os seus aspectos socioculturais, o papel que os mesmos ocupam no imaginário coletivo, analisando quais tipos de discursos estão sendo disseminados e de que maneira podemos garantir, como mediadores, uma ação mais concreta e acessível. Os memes são instrumentos concretos de análise social e interpessoal, embora sejam virtuais. Representam um novo gênero que reflete uma nova forma de sociabilidade, em um novo espaço, que pode nos dizer muito sobre a sociedade que estamos construindo.

2 . METODOLOGIA

Levando em conta os estudos desenvolvidos neste trabalho, notamos que tão importante quanto a análise e exposição dos resultados da pesquisa, é a análise dos processos de desenvolvimento, interação e construção dos envolvidos no percurso do conhecimento e compreensão dos valores morais.

Assim, o presente capítulo apresentará os procedimentos metodológicos adotados, bem como a análise dos instrumentos de coletas de dados a partir de Piaget e Kohlberg e da fundamentação teórica abordada. Consideramos a pesquisa um processo no qual utilizamos um conjunto de ações, por meio de procedimentos específicos e sistemáticos, pautados na racionalidade, a fim de encontrar explicação ou solução para um problema.

Para Gil (2008, p. 42), a pesquisa é um “[...] processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” Em uma perspectiva mais filosófica, Minayo (1993, p.23) considera a pesquisa

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Quanto à abordagem do problema, podemos defini-la como pesquisa qualitativa, pois sua fonte de dados é o ambiente natural. Nessa abordagem, são levantados os “[...] dados descritivos, além de ter por objetivo capturar as perspectivas dos participantes em relação a um determinado tema.” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.11).

Conforme os autores, nos estudos qualitativos, busca-se apreender a perspectiva dos participantes, isto é, a forma como percebem as questões relativas à temática pesquisada. Ao analisar as diferentes perspectivas, tais estudos possibilitam aclarar a dinâmica interna das situações.

Nesta pesquisa, buscamos entender a interpretação dos sujeitos sobre o fenômeno. Segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 269), essa metodologia “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a

complexidade do comportamento humano. Fornece análise [...] hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc”.

Nesse mesmo sentido, para Minayo (apud MARCONI; LAKATOS, 2008, p.271), a pesquisa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. A Pesquisa Participante envolve um processo de investigação, de educação e de ação, embora alguns autores enfatizem a organização, como componente fundamental da Pesquisa Participante (HAGUETTE, 1990 apud SILVA, 1994, p.76).

Essa pesquisa encontra-se comprometida com a compreensão dos valores morais, previamente determinados, pelos alunos envolvidos e como eles podem externalizar esses entendimentos através da produção do memes, um gênero textual que possui bastante aceitação e impacto entre os adolescentes.

A Pesquisa Participante tem como "pano de fundo" a participação coletiva que envolve pesquisadores e pesquisados na busca de soluções para os problemas da sociedade; assim, visa a produção do conhecimento, que abre caminhos para o agir protagonista e para a autonomia. Investigação, educação e ação constituem os rumos do processo. Essa pesquisa vai se fundamentando e apontando resultados, os quais poderão gerar novos problemas a serem pesquisados. Entende-se que, do ponto de vista metodológico, a Pesquisa Participante acentua a relação entre conhecimento e ação como dois aspectos inseparáveis da atividade humana.

Esse tipo de pesquisa tem raízes na necessidade de gerar um processo de conscientização e reflexão constantes que, como afirma Gajardo (1986, p.65 apud ENGERS, 1994, p.70), visa "atuar como um mecanismo coletivo de negociação e aproveitamento de recursos e espaços de participação disponíveis na sociedade.

A presente dissertação teve como objetivo geral, compreender e conhecer as possíveis contribuições dos memes na imersão e compreensão dos valores morais em adolescentes. Como resultado da pesquisa de campo realizada com duas turmas da 1º série do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Jorge Correa, é possível pensar em caminhos e alternativas a fim de que os sistemas de ensino possam ter respostas aos desafios impostos pela necessidade de se trabalhar valores morais de uma maneira mais lúdica e imersa na cultura juvenil, levando em

conta a importância e influência que a internet e redes sociais possui no cotidiano desses adolescentes.

O estudo ocorreu em uma escola estadual de Araçatuba, inserida no Programa Escola Integral. Os alunos do Ensino Fundamental possuem 8 aulas por dia e os do Ensino Médio, 9 aulas. Possuem em sua grade curricular matérias diversificadas tais como Orientação de Estudos, Projeto de Vida, Protagonismo Juvenil, Clube Juvenil, disciplinas Eletivas, entre outras que favorecem a autonomia dos alunos e professores, além das previstas na Base Nacional Curricular Comum.

A escola dispõe de uma Sala de Informática, dois laboratórios que atendem a área de Ciências da Natureza e Matemática, uma sala Multimídia, biblioteca e espaço para leitura, além de quadra coberta para a prática desportiva. Todas as salas de aula possuem equipamento multimídia, lousa digital e conexão em rede. A escola funciona das 7 às 16 horas e atende atualmente, cerca de 386 alunos.

Os sujeitos desse estudo foram estudantes de duas turmas da 1º série do Ensino Médio, na faixa etária de 14 a 17 anos. A escolha desse público decorre de trabalhos anteriormente realizados nas aulas de História onde os memes foram amplamente utilizados para tornar a aprendizagem mais significativa aos alunos dessa escola.

O local escolhido dispõe de recursos tecnológicos e humanos para que as oficinas de memes fossem realizadas. Possui estrutura física compatível como o objetivo dessa pesquisa e realização do produto. Além disso, a escolha por alunos do Ensino Médio se justifica pelo interesse e conhecimento tecnológico dessa faixa etária pelas redes sociais e pelo uso de recursos tecnológicos.

Em termos gerais, a partir da compreensão dos valores morais estudados e a exposição do que foi assimilado pelos alunos envolvidos através da criação de memes temáticos, e o que eles representam no cotidiano juvenil, nossa proposta intenta discutir as relações e as associações que estudantes desenvolvem nas redes sociais e quais são as possíveis consequências para o convívio no off-line.

Apesar da pesquisa não ter finalidade quantitativa, apresentaremos um gráfico das respostas dos estudantes sobre sua compreensão dos valores e o uso de memes como forma de se expressarem, após as realizações das oficinas pedagógicas.

Dentre os objetivos específicos do nosso trabalho, ressaltamos:

- Levantar, junto aos alunos, o que eles entendem por valores morais.
- Levantar, junto aos alunos, o que eles entendem por memes e como compreendem a circulação desses memes.
- Realizar oficinas pedagógicas para discussão e compreensão dos valores morais e criação de memes.
- Analisar a utilização dos memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio.

Procuramos refletir sobre como os memes podem envolver os alunos a se interessarem pelas discussões referentes a valores morais, bem como torná-los protagonistas, terem participação maior no processo ensino aprendizagem, contribuindo na compreensão desses valores.

Almejamos alcançar a aproximação entre a escola e as novas formas de manifestações culturais e sociais no meio virtual, aproximar professores e alunos, colocando ambos como construtores de uma nova realidade, onde os indivíduos possam atingir, de acordo com a teoria piagetina sobre o desenvolvimento do juízo moral, a posição mais elevada da moralidade, a autonomia e, de acordo com KOHLBERG, deixar a postura inicial de obediência pura à autoridade e chegar ao nível de basear suas ações em princípios éticos universais internamente legitimados, denominados pós-convencional.

Estudamos alguns valores morais e criação de memes com essa temática, analisando, sobretudo, a importância da intervenção do educador no desenvolvimento de valores morais. Além de investigar os valores compartilhados, realizamos oficinas de debates, discussão, reflexão, leitura e análise de valores pré-determinados e concluímos com a criação de memes pelos alunos com suas percepções sobre os valores estudados. A pesquisa foi realizada por análise qualitativa de dados obtidos na escola no decorrer de dois meses, num total de doze encontros, que chamamos de oficina pedagógica, com aproximadamente 1h20 cada uma delas.

2.1. PRODUTO EDUCACIONAL

A escola é a instituição onde as crianças e adolescentes passam maior parte de seu tempo e interagem com seus pares. Geralmente, esses alunos passam aproximadamente entre 8 e 9 horas na escola do Projeto Ensino Integral, esse tempo é de extrema importância para sua formação moral e ética. Nem sempre os professores e a comunidade escolar estão preparados para contribuir com o desenvolvimento moral que as crianças e adolescentes necessitam. A rotina, currículo, burocracia e diversos contratempos contribuem para que a educação moral seja esperada e exigida apenas das famílias, no entanto, precisamos considerar que é na escola que esses estudantes são expostos a maior interação. Torna-se necessário aproveitar esse tempo escolar para contribuirmos na construção da moralidade.

Portanto, a necessidade dos adolescentes e a falta de uma educação voltada para a construção de valores, cria um vazio em sua formação e isso pode comprometer a construção de sua autonomia e protagonismo, um vazio em sua formação que a restringe de conteúdo moral.

A legislação brasileira considera os direitos fundamentais da criança e adolescente e que esses devem ser transmitidos por todos que com elas convivem. A responsabilidade, assim, não é apenas da família ou da escola, mas de ambos.

A publicação do guia *O meme como instrumento pedagógico no ensino de valores morais: orientações para estudantes e professores* é o objeto educacional voltado para docentes e discentes, onde há orientações para que trabalhem e construam memes com apelo às questões morais, e também oferecerem possibilidades de utilizar o meme como recurso pedagógico nas disciplinas comuns dos currículos escolares.

O guia aborda as etapas da construção das oficinas e memes, as discussões sobre as temáticas expondo pontos de vista diferentes, posicionamentos que irão argumentar e contra argumentar a fim de que os alunos possam construir suas próprias percepções e desenvolver sua moralidade e expô-las em seus próprios memes. Para os professores versam sobre os passos para que possam trabalhar o tema com seus alunos.

O guia pode contribuir com atividades que contribua com o desenvolvimento moral dos alunos envolvidos na pesquisa ou que se proponha a utilizá-lo. Além de

ter acesso aos conceitos de alguns valores morais, se deparar com situações que o faça pensar criticamente, os alunos terão informações para que possam criar memes que despertem e estimulem seu senso moral, contribuindo para sua autonomia.

A confecção de guia objetivou, de forma geral, oferecer material que favoreça a reflexão e o protagonismo dos alunos no desenvolvimento de seus valores morais, utilizando os memes como meio de expressar esses valores.

Como objetivos específicos pretendeu desenvolver a capacidade reflexiva e argumentativa dos alunos e professores sobre os valores morais e, fornecer instruções para que os alunos possam compreender alguns conceitos sobre moralidade e sobre a criação de memes para que possam construí-los com a temática proposta.

O produto foi executado com base em uma pesquisa prévia em uma escola estadual na cidade de Araçatuba, São Paulo, com dados coletados em observações empíricas nas aulas dialogadas e oficinas pedagógicas num período de aproximadamente 20 horas, distribuídas ao longo dois meses.

A observação para produção do produto e pesquisa qualitativa contou com 16h de pesquisa que ocorreu em dias separados de acordo com as atividades realizadas.

3. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme já explicitado e conceituado no Capítulo 1, subseção 1,2,1 trabalhamos os valores justiça, honestidade, tolerância, solidariedade e respeito com os alunos de 14 a 17 anos, da 1º série do Ensino Médio da Escola Estadual Prof. Jorge Correa de Araçatuba. Para cada um dos valores examinados utilizamos oficinas pedagógica com exposição dos temas, debates, leituras de textos diversos, vídeos, músicas e concluímos com a análise e produção de memes com o intuito de interiorizar os conceitos dos valores trabalhados.

3.1. OFICINAS PEDAGÓGICAS

Foram desenvolvidas doze oficinas sobre valores morais e realização de memes com os alunos participantes, durante as aulas de Orientação de Estudos da professora pesquisadora. Entre a apresentação da proposta de pesquisa aos estudantes, dos valores, discussões, debates, criação de memes e aplicação do questionário, utilizamos dois meses e aproximadamente 16 horas de atividades.

Vejamos, abaixo, um quadro com informações gerais sobre as Oficinas Pedagógicas desenvolvidas.

Quadro 2: Oficinas pedagógicas desenvolvidas

OFICINAS	DURAÇÃO	OBJETIVOS	ATIVIDADES REALIZADAS	RECURSOS
1	1h20m	Apresentar os objetivos e metodologia da pesquisa . Levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre memes da internet	Roda de conversa com os alunos-participantes da pesquisa	Projektor, notebook e internet.
2, 3 e 4	4h	Compreender os conceitos de ética, valores	Pesquisas conceituais, leituras de	Computador, notebook, smartphone,

		morais. Conceituar e dialogar os valores morais selecionados para serem trabalhados nos próximos encontros.	fragmentos de textos selecionados.	internet, caderno e caneta para anotações.
5 e 6	2h 40	Nivelar conhecimentos dos alunos sobre o uso de tecnologias digitais e criação de memes.	Elaboração e compartilhamento de memes de tema livre.	Projektor, notebook, smatphone e internet.
7 e 8	2h40m	Conceituar, refletir e dialogar sobre os valores Justiça e Honestidade	Pesquisas e elaboração de memes conceituais sobre justiça e honestidade.	Projektor, notebook, smatphone e internet.
9 e 10	3h	Conceituar, refletir e dialogar sobre o valor Tolerância	Pesquisas e criação de memes sobre o valor dialogado.	Projektor, notebook, smatphone e internet.
11 e 12	2h40m	Conceituar, refletir e dialogar sobre os valores Solidariedade e Respeito. Aplicação do questionário ao participantes,	Pesquisas e criação de memes sobre solidariedade e respeito. Responder as questões sobre as Oficinas Pedagógicas.	Projektor, notebook, smatphone e internet.

Fonte: Dados obtidos pela autora.

Na primeira oficina, com duração de 1h20min, expusemos por meio de slides os objetivos da pesquisa e a metodologia aos alunos envolvidos. Também apresentamos a origem, conceitos, objetivos e finalidades dos memes.

Nas três oficinas seguintes, que tiveram um total de 4h, divididas em 3 dias, apresentamos e discutimos juntamente com os alunos, os valores morais que iríamos analisar e transformar em memes conceituais. Explicamos o que são valores morais, sua importância tanto para o indivíduo quanto para a sociedade e conceituamos e discutimos os valores selecionados.

Utilizamos como recurso pedagógico nessas primeiras oficinas, fragmentos de textos de Cortella (2005/2016), La Taille (2005/2009), Vinha (2009), Puig (1998), entre outros, com a finalidade de clarificar o conceito e importância dos valores morais, dispusemos também de recursos audiovisuais, como trechos de filmes e músicas que abordassem os temas discutidos.

As duas primeiras oficinas de criação de memes, que correspondem ao quinto e sexto encontro, com duração de 2h40m, planejamos criações em tema livre para que todos pudessem aprender utilizar sites e aplicativos para criar e compartilhar memes, conhecer a fanpage “Fábrica de Memes dos meus alunos mais tops”, no Facebook, onde algumas das criações foram compartilhadas. Para isso, utilizamos os computadores disponíveis na sala de informática e aparelhos celulares individuais para que os alunos aprendessem e praticassem a criação de memes.

Após esses primeiros momentos de aprendizagem e discussões, iniciamos a abordagem mais aprofundada dos valores selecionados. Geralmente as oficinas de criação e compartilhamento dos memes criados tanto individual como coletivamente, ocorreram após leituras, debates, vídeos sobre os valores morais em questão.

Os valores justiça e honestidade foram abordados em duas oficinas, totalizando 2h40m. Num primeiro momento, pesquisamos o significado dessas palavras nos dicionários, conversamos sobre o entendimento de alguns alunos sobre o que entender ser justo e honesto. Os alunos assistiram ao vídeo “Aristóteles: justiça distributiva e justiça corretiva (Ética a Nicômano)¹”, de pouco mais de 9min, e a leitura de um pequeno texto sobre Justiça, baseado no conceito aristotélico, adequado para a idade em questão:

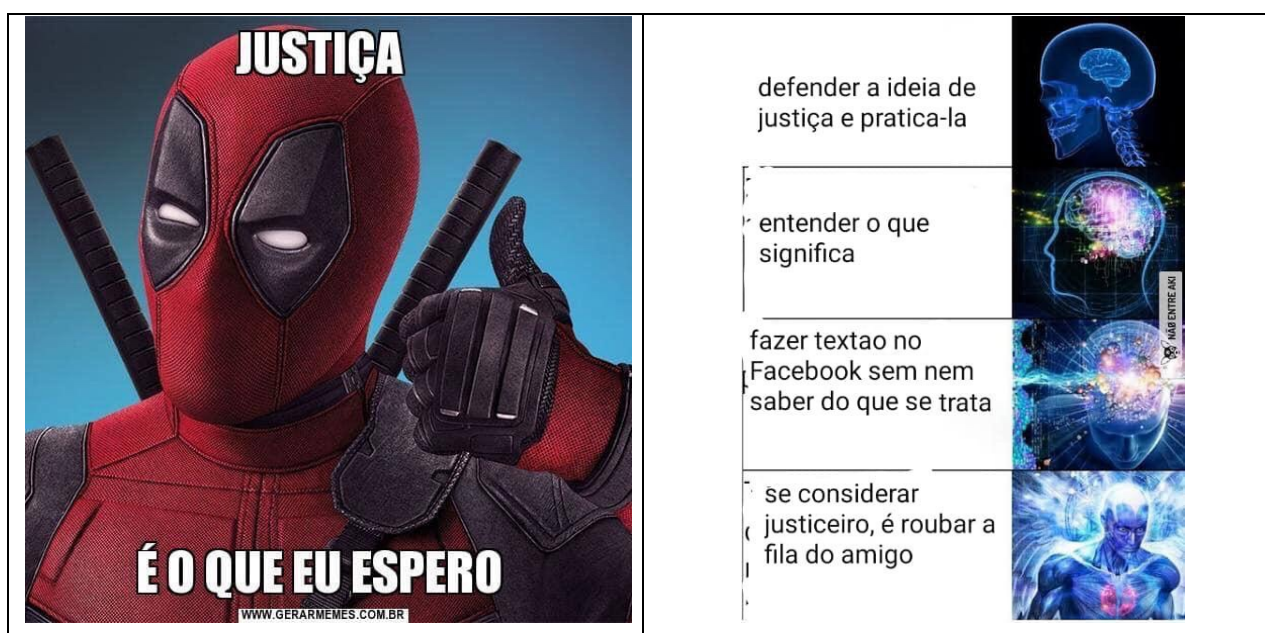
¹ <https://www.youtube.com/watch?v=4UyJOxAx5sU&t=20s>

O filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C), aborda a questão da justiça vinculada a noção de virtude, pois tanto a virtude quanto à justiça são caracterizadas por ele como disposição de caráter. Aristóteles defende que a justiça é uma virtude completa, pois o homem justo pode exercer sua virtude não só em relação a si mesmo, mas também em relação ao próximo. Esse raciocínio do filósofo pode ser observado ainda hoje tanto no ramo do Direito quanto na nossa sociedade considerada em seu todo. (Texto produzida pela autora).

Para trabalharmos o valor Honestidade, utilizamos o conceito de FERREIRA (2018), já abordado nesse presente trabalho. Fizemos a leitura compartilhada e discutimos sobre a ideia do que seria honestidade para os alunos.

Para finalizar, os alunos puderam se expressar criando memes conceituais sobre os valores estudados. Vejamos alguns:

Figura 6: Memes sobre Justiça e Honestidade





Fonte: <https://www.facebook.com/fabricadememesdosmeusalunosmaistops/>

Nas 9º e 10º oficinas, com duração de 3h ao todo, abordamos a Tolerância como valor moral fundamental para o equilíbrio e paz social. Pesquisamos o conceito em dicionários, e conversamos sobre o que seria tolerância e qual sua importância para nossa boa convivência com o próximo. A religião, preconceito racial e social foram temas recorrentes em nossos debates sobre o assunto, assim como qual seria o limite entre a tolerância e a omissão. Recorremos a leitura do texto *A virtude da Tolerância e os riscos da omissão* de Pedro Cafardo e *A dificuldade da tolerância* de Thomas M. Scalon, que gerou riquíssimos

apontamentos dos alunos. Podemos ver abaixo algumas produções após nossa oficina teórica.

Figura 7: Memes sobre Tolerância



Fonte: <https://www.facebook.com/fabricadememesdosmeusalunosmaistops/>

Por fim, tratamos sobre os valores Solidariedade e Respeito nas duas últimas oficinas. Fizemos a leitura em conjunto do texto *O que é Solidariedade*² que de início já deixa claro que solidariedade não é dar esmola e que esse é um valor urgente a nível social e pessoal.

Para discutirmos o valor respeito, iniciamos com o videoclipe da música *Respeito é bom e eu gosto*³, de Luiz Caldas cuja letra diz:

Ele de rosa
Você tem que respeitar
Ela de azul
Você tem que respeitar

Sou diferente
Você tem que respeitar
Pois gente é gente
Você tem que respeitar

Eu sou do Gueto
Você tem que respeitar
Farol da Barra
Você tem que respeitar

Diversidade
Você tem que respeitar
Toda cidade
Você tem que respeitar

Abra a sua cabeça
Sem preconceito meu irmão
Que a santa paz permaneça
Nessa relação

Pois ninguém manda em sua vida
Seja homem ou mulher
Ninguém tem nada com isso
Faça o que quiser

Me respeite pra eu te respeitar!

É cobrador
Você tem que respeitar
Se é doutor
Você tem que respeitar

Se é militante
Você tem que respeitar
Se é militar
Você tem que respeitar

² <https://juvenil.net/index.php/crescer/158-o-que-e-a-solidariadade>

³ <https://www.youtube.com/watch?v=jnF9UZsS-bA>

Se é da direita
Você tem que respeitar
Se é da esquerda
Você tem que respeitar

Cara fechada
Você tem que respeitar
Sorriso aberto
Você tem que respeitar

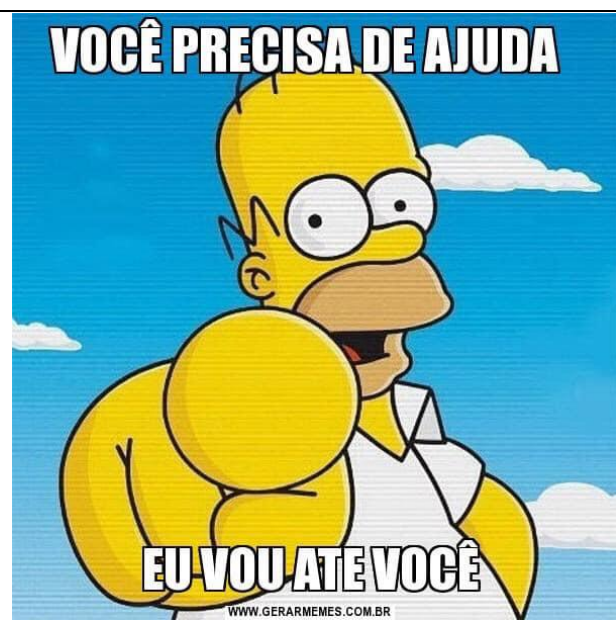
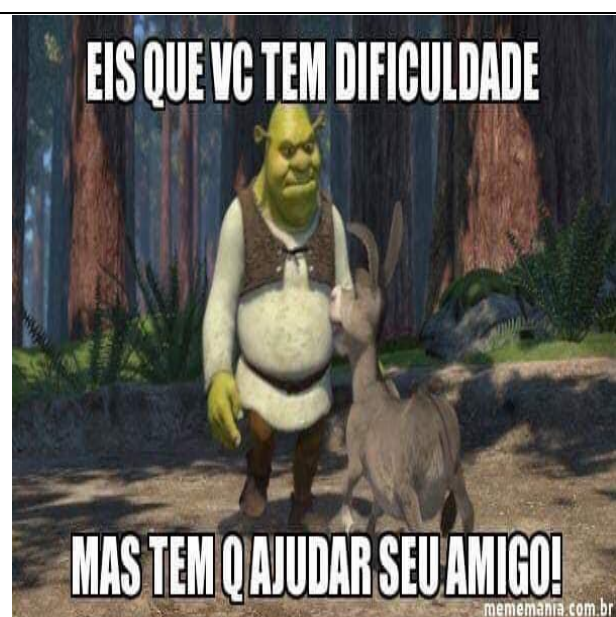
Lembre que nesse planeta
A pessoa só vive uma vez
Pra que ser intolerante
Nesse mundo burguês

Você é o responsável
Pelo que escolheu
Nunca deixe o outro
Mandar no que é seu

Completamos com a leitura de alguns trechos do livro *Respeito é bom e eu gosto*, organizado por Tognetta e Menin (2017), sempre com espaço para o diálogo e encerramos a oficina com a produção de memes.

Figura 8: Memes sobre Solidariedade e Respeito







Fonte: <https://www.facebook.com/fabricadememesdosmeusalunosmaistops/>

3.2. QUESTIONÁRIO E OBSERVAÇÕES GERAIS

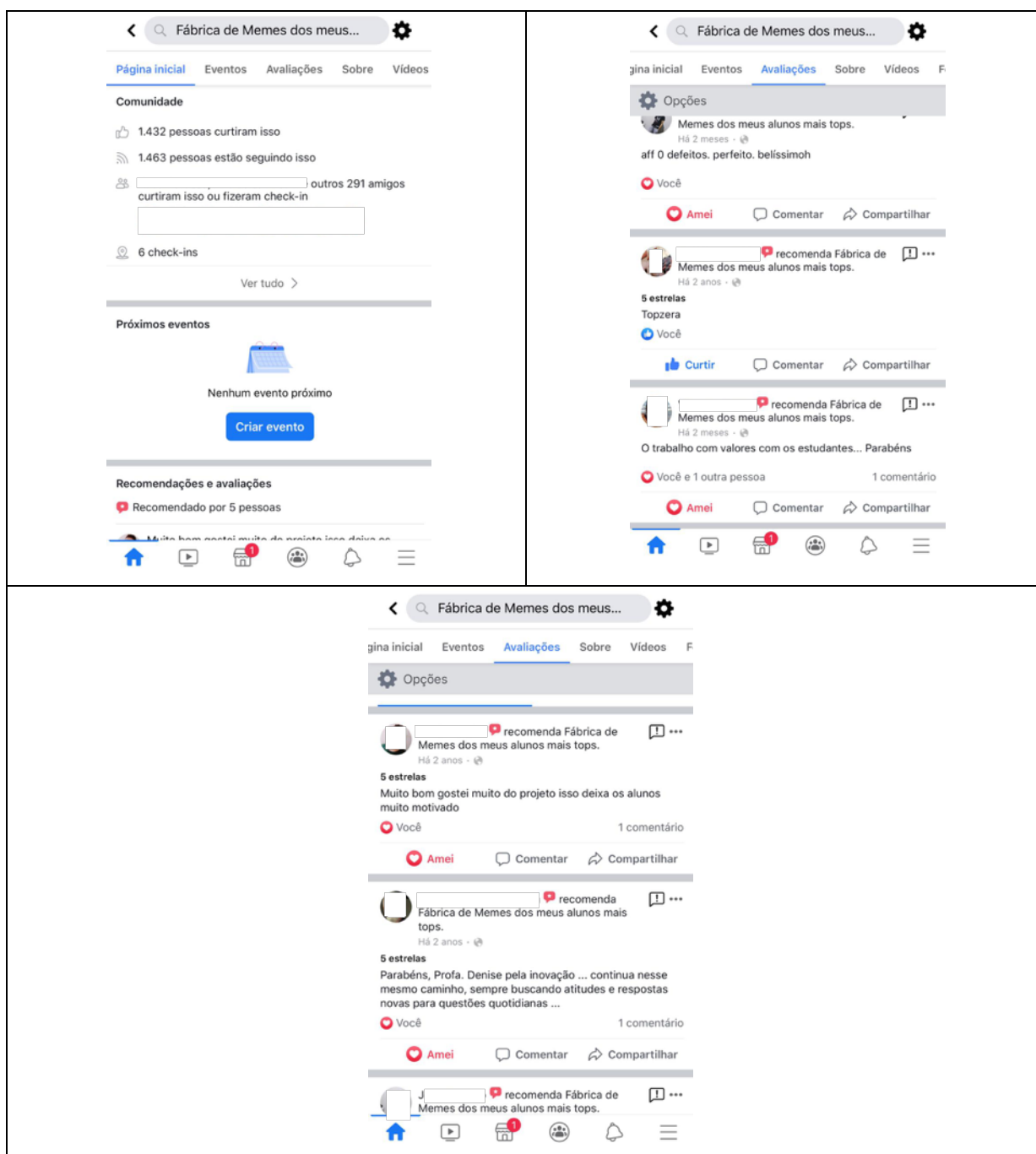
A utilização de memes como proposta pedagógica para oferecer uma aprendizagem significativa dos valores morais tem alcançado os objetivos propostos no sentido em que tem proporcionado aos alunos um conhecimento participativo, solidário e contextualizado. A atenção e participação nas aulas têm melhorado bastante, pois é preciso compreender bem os conceitos e conteúdos trabalhados para transformá-los em um meme, além disso, a utilização de recursos tecnológicos para a criação dos memes contribui com a capacidade colaborativa dos alunos tendo em vista que alguns possuem mais facilidades ou conhecimentos na utilização desses equipamentos e programas, acabam auxiliando outros colegas que não possui o mesmo conhecimento.

Para estimular a criação de memes, criamos uma página no Facebook para divulgar o trabalho dos estudantes. Para os memes serem aprovados pelo moderador, é preciso que ele retrate os conceitos dos valores estudados e tenha uma mensagem humorística, crítica ou surpreendente. Há uma grande expectativa do criador do meme em relação aos compartilhamentos, curtidas e comentários em sua produção. Isso tem estimulado a participação de alunos que demonstravam

apatia e desinteresse pela temática que, muitas vezes, era vista como lição de moral, autoajuda, dicas de como viver, sem que houvesse maior envolvimento dos alunos com as discussões. Conforme podemos ver nas imagens abaixo, o interesse pelos memes publicados e compartilhados extrapolou os muros da escola e acabou envolvendo familiares e amigos dos estudantes, que fizeram campanha para que a página tivesse mais seguidores e curtidas.

Figura 9: Fanpage Fábrika de memes dos meus alunos mais tops





Fonte: <https://www.facebook.com/fabricadememesdosmeusalunosmaistops/>

Encerradas as oficinas, aplicamos um questionário para que os participantes pudessem opinar a respeito do impacto ou não dos estudos sobre os valores e a contribuição dos memes na compreensão e expressão dos valores morais discutidos durante as oficinas. A avaliação foi composta de quatro questões de múltipla escolha e uma questão dissertativa nas quais poderiam oferecer sugestões ou emitir opiniões, conforme o modelo abaixo:

Análise sobre as Oficinas Pedagógicas sobre valores morais e memes: leia as frases a seguir e assinale a alternativa que mais se adequa ao à sua opinião:

1) As oficinas sobre valores morais foram dinâmicas e dialogadas.

- () Concordo plenamente
- () Concordo em partes
- () Discordo plenamente
- () Discordo em partes

2) A análise de memes auxiliaram na compreensão dos valores morais discutidos.

- () Concordo plenamente
- () Concordo em partes
- () Discordo plenamente
- () Discordo em partes

3) A produção de memes estimulou o interesse pelos valores morais discutidos durante as oficinas.

- () Concordo plenamente
- () Concordo em partes
- () Discordo plenamente
- () Discordo em partes

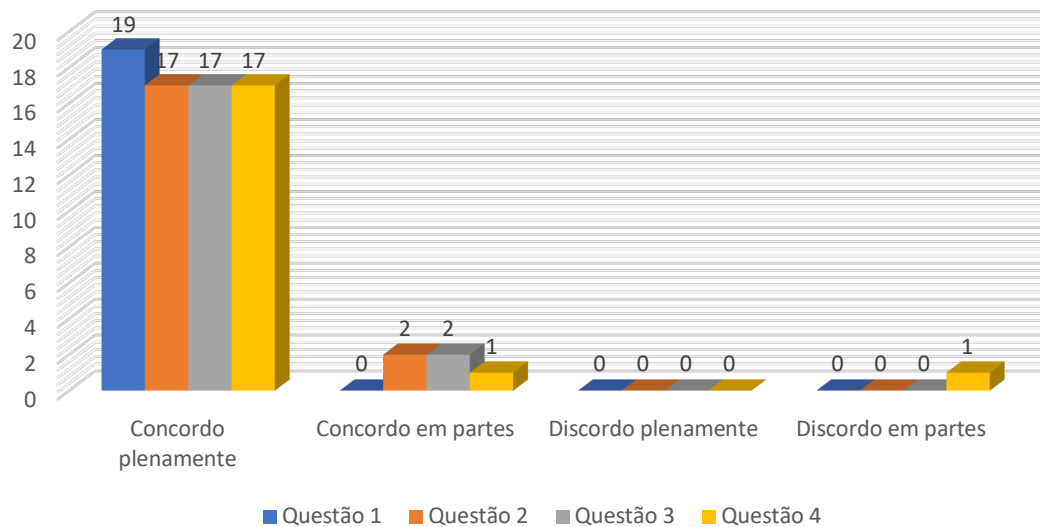
4) A produção de memes me auxiliou a compreender os conceitos dos valores discutidos.

- () Concordo plenamente
- () Concordo em partes
- () Discordo plenamente
- () Discordo em partes

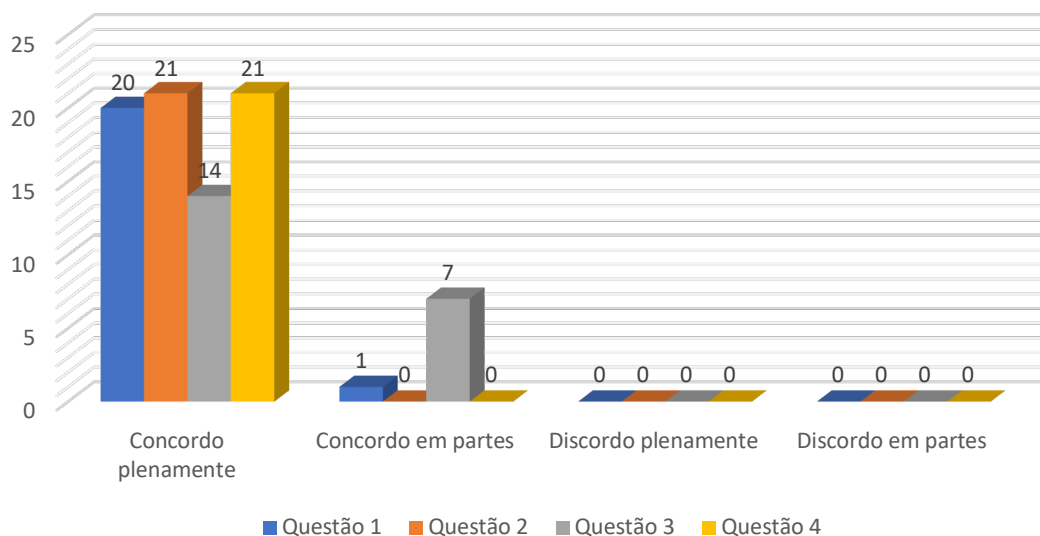
5) Sugestões:

Conforme podemos ver nos gráficos abaixo, nas duas séries (1º A e B do EM), o uso de memes como instrumento de expressão dos valores morais discutidos nas oficinas pedagógicas foi muito bem avaliado pelos participantes.

1ª série A (19 estudantes)



1ª série B (21 estudantes)



Apesar de alguns alunos não possuírem dispositivos digitais (smartphone, computador, notebook) ou conhecimentos prévios para usar as tecnologias disponíveis para criar e compartilhar os memes, alguns alunos se dispuseram a auxiliar aqueles que tinham dificuldades em usar tecnologias ou realizar as criações, trabalhavam em duplas ou grupos e revezaram os aparelhos tecnológicos.

Constatar que alguns alunos do Ensino Médio não possuíam conhecimentos mínimos para usar o computador ou smartphone para editar imagens, acessar redes sociais, pesquisar e compartilhar conteúdos nos surpreendeu, tínhamos a ideia de que essa geração já tivesse conhecimento suficiente para realizar essas atividades. Isso nos fez reavaliar a programação das oficinas e incluimos 1h20m para que pudéssemos, com ajuda dos alunos com mais habilidades tecnológicas, nivelar os participantes para que todos pudessem realizar as atividades propostas. Essa iniciativa dos alunos ajudarem uns aos outros foi uma demonstração da disposição em participar e colaborar da pesquisa, era nítido o sentimento de importância e seriedade durante todo o processo por grande parte dos envolvidos.

No entanto, tivemos um fato durante a criação de memes que dividiu opiniões e feriu os sentimentos de um dos participantes. Um aluno criou um meme utilizando uma imagem de outro colega que não o autorizou, compartilhou com demais estudantes da sala.

Assim que tomamos conhecimento do fato, tratamos da questão expondo como os memes podem ser ofensivos e prejudicial quando usado de maneira indevida, em alguns casos podem, inclusive, configurar crimes tipificados no Código Penal. Alguns estudantes opinaram que o meme não era ofensivo, ou que aluno que teve sua imagem indevidamente utilizada estava exagerando nas reclamações. Abrimos espaço para o diálogo, ouvimos opiniões diversas e a pessoa que teve sua imagem usada pode explicar o que estava sentindo com esse fato, não apontamos culpados ou tentamos descobrir quem havia criado o meme, tentamos colocar em prática alguns valores que já havíamos estudado, respeito, empatia, tolerância, entre outros. Ao final dessa intervenção o criador do meme se apresentou, se desculpou e excluiu e excluiu o meme.

Trabalhar valores morais com uma linguagem mais próxima do cotidiano dos alunos de Ensino Médio e estimular a participação dos mesmos com a criação de memes para expressar seus entendimentos sobre os valores estudados, mostrou-se bastante eficiente pois, foi possível observar:

- Aumento da capacidade dialógica;
- Maiores habilidades na resolução de conflitos;
- Diminuição da indisciplina;

- Maior interesse e participação nas aulas, segundo relatos de outros professores.

Portanto, percebemos que utilizar os memes como instrumento pedagógico para que os alunos se interessassem e compreendessem os valores morais selecionados e trabalhados, foi uma boa escolha, visto que os memes fazem parte do cotidiano não apenas desses adolescentes, mas de pessoas de faixa etária diversas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar valores com os estudantes, utilizando os memes como fio condutor pode, além de desenvolver o conhecimento sobre valores, diminuir o regime linear tão presente no ambiente escolar, expandindo um olhar crítico para os diferentes níveis de realidade. A partir das criações e análises dos memes e das discussões sobre os valores escolhidos, trazer as discussões sobre o que é vivenciado nos ambientes virtuais para a sala de aula é uma necessidade.

Procuramos responder, com a presente pesquisa a uma questão hipotética, de como os memes podem auxiliar os alunos a se envolverem com as discussões sobre valores morais, compreendem seus conceitos e serem capazes de reproduzi-los, de acordo com seus entendimentos, através do uso dos memes como ferramenta pedagógica de expressão dos participantes.

Apesar dos imprevistos, tanto com o desenvolvimento dos memes e uso das tecnologias digitais, com adaptações, protagonismo dos alunos e adequações pedagógicas e estruturais, tornou-se possível desenvolver todas as etapas previstas para a realização desse trabalho.

Incluir os memes nos estudos de valores morais, respeitando a cultural juvenil se mostrou bastante eficiente, nos possibilitou entender como os participantes compreendem os valores em si, os conhecimentos que possuíam sobre tecnologias digitais e redes sociais, o que eles entendiam por memes e como compreendiam a circulação desses memes. A realização das Oficinas Pedagógicas fomentou as discussões sobre os valores morais, os estudantes tiveram participação muito ativa, questionando, contribuindo com ideias, dialogando e, no decorrer das atividades, percebemos o desenvolvimento dessa capacidade dialógica ao respeitar a vez do outro de se manifestar e as opiniões diferentes.

Percebemos que estudar os valores morais introduzindo os memes como recurso pedagógico desenvolveu o protagonismo não apenas durante a realização das atividades referentes à pesquisa, mas também em outros momentos conforme relatados por alguns professores.

Esse estudo e suas contribuições também foram importantes porque, provavelmente, as redes sociais persistirão fortalecendo-se e ganhando mais espaços como um ambiente de experiências múltiplas, onde continuarão transformando-se e criando novas classes de identidade. Cabe à escola não

enxergá-las como concorrentes, mas se replanejar e repensar estratégias que lhe permita construir um diálogo consistente com os adolescentes, incluindo-se nesses espaços virtuais. As salas de aulas também são espaços de múltiplas vivências, onde há muito a ser estudado, compartilhado e discutido, traduz-se num excelente ambiente concreto para debater esses valores compartilhados e difundidos nas redes sociais. Sabemos que a vida em rede tem uma dinâmica própria, permite que os internautas exponham percepções de mundo que jamais seriam reveladas no mundo real, a escola pode usufruir dessas percepções para aguçar o senso crítico e a autonomia dos alunos.

Os memes mostram que, por serem uma produção cultural da atualidade bastante complexa e rica em significados e discursos, tem o potencial de interligar as maneiras como os adolescentes se expressam, intrínsecas ao pensamento discente, com o que está exposto na mídia e na sociedade. Os contrastes existentes entre os atrativos e aquilo que repudia sobre certas opiniões tomadas a partir da Internet por exemplo, como os memes, é avançar em novos canais de ensino, compreensão, diálogo e valores.

Pretendemos alcançar a aproximação entre o trabalho das competências sociomorais realizados nas escolas com as novas formas de manifestações culturais e sociais no meio virtual, aproximar professores e alunos, colocando ambos como construtores de uma nova realidade, na qual os indivíduos possam atingir, de acordo com a teoria piagetina sobre o desenvolvimento do juízo moral, a posição mais elevada da moralidade, a autonomia e, de acordo com Kohlberg, deixar a postura inicial de obediência pura à autoridade e chegar ao nível de basear suas ações em princípios éticos universais internamente legitimados denominados pós-convencional.

Para tanto, é importante trabalhar a disseminação dessas pesquisas e resultados na formação de professores, que ainda encontra-se em descompasso com as tecnologias e novas linguagens disseminadas na virtualidade.

A pesquisa realizada abre possibilidades para novas frentes de investigação, tais como, os memes nas aulas de história, química, educação física e em outras disciplinas ou mesmo os valores morais que podem ser trabalhados por meio de outras formas de linguagens virtuais ou não, entre tantas outras possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, P. O desenvolvimento moral do adolescente: contributos em psicopedagogia. Dissertação de Mestrado não publicada, apresentada à FPCE, **Universidade de Coimbra**. 2000.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

ARANTES, Valéria A. (org); ARAÚJO, Ulisses Ferreira; PUIG, Josep Maria. **Educação e valores: Pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007.

ARAÚJO, Eliete R. Representações racistas em memes de internet na sala de aula. ANPUH-Brasil. **30º Simpósio Nacional de História**. Recife, 2019.

BATISTÃO, M. Eixos fundamentais para a constituição do currículo. In. PLATTA, D. (Org.). **Currículo e formação humana: princípios, saberes e gestão**. Curitiba: Editora CRV, 2009.

BATAGLIA, P; LEPRE, R., MORAIS, A. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. **Estudos de Psicologia**, 15(1), Janeiro-Abril/2010.

BIAGGIO, Angêla Maria Brasil. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. São Paulo: Moderna, 2002.

BIAGGIO, Angêla Maria Brasil. (1997). **Kohlberg e a "Comunidade Justa": promovendo o senso ético e a cidadania na escola**. *Psicologia Reflexiva Crítica*, 1 (10), 47-69.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

BRASIL. Lei **8.069, de 13 de Julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL/IBGE. **Crianças e adolescentes**, indicadores sociais. Brasília: IBGE, 2004

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2019.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. **Memes na internet: Entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais**/Douglas de Oliveira Calixto. São Paulo, 2017.

CANDAU, V.M. **Tecendo a Cidadania**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

CANDIDO, E. C. R.; GOMES, N. S. Memes: uma linguagem lúdica. **Revista Philologus**, Ano 21, N° 63 – Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2015, pp.1293-1303.

COELHO, C.; COSTA, B. M. S. Rastros da Senzala nos memes de internet. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 929 - 941.

CORTELLA, Mário S.; LA TAILLE, Yves De. **Nos labirintos da moral**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

CORTELLA, Mário S. **Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

COMTE-SPONVILLE, A.; FERRY, L. **La sagesse des modernes**. Paris: Lafont, 1998.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DAYRELL, J. T. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov /Dez 2003 No 24.

DAYRELL, J. T.; MELO, L. C. M; SOUZA, G. S. Escola e juventude: uma relação possível? Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., **Univ. Fumec Belo Horizonte** Ano 9 n.12 p. 161-186 jan./jun. 2012.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução: Geraldo H. M. Florsheim. São Paulo: Ed. USP, 1979.

DUBET, François. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**. Vol.16, no.47, p.289-305. Rio de Janeiro, 2011.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolesc Saude**. 2005;2(2):6-7

ENGERS, M. E. A. Pesquisa educacional: reflexões sobre a abordagem etnográfica. In: _____. (Org.). **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação**: notas para reflexão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 65-74.

FERREIRA, Patrícia Elisabeth. **A honestidade como valor moral**: uma construção possível e necessária na escola / Patrícia Elisabeth Ferreira, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da solidariedade**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2009.

FRISKE, A. L. Memes e matemática: processos de ensino e de aprendizagem guiados pela cyberformação. **XXII EBRAPEM Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação**. FaE/UFMG, Belo Horizonte – MG, 2018.

GALLO, Sílvio. **Subjetividade, ideologia e educação**. Campinas-SP Alínea, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

KOHLBERG, Lawrence. **Psicologia del desarrollo moral**. Spain: Desclée de Brouwer, 1992.

KOHLBERG, L. (1981). **The philosophy of moral development: moral stages and idea of justice**. Cambridge: Harper & Row.

LA TAILLE, Yves de; MENIN, Maria Suzana de Stefano (orgs). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed. 2009.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Artmed, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEMONS, C. A. **A imitação em Aristóteles**. *Anais de Filosofia Clássica*, vol. 3, n. 5, 84-90. 2009.

LEPRE, R. Melissa. **Educação moral na escola: caminhos para a construção da cidadania**. *Colloquium Humanarum*, 2005, v.3(1), p.01-12.

LEPRE, R. Melissa. Psicologia da moralidade humana e educação: limites e possibilidades de intersecção. **Tese de Livre Docência**. Faculdade de Ciências. Bauru. 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LIBANEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educativas e profissão docente.** – 6º ed. - São Paulo: Cortez, 2002.

LOURENÇO, O. M. **Psicologia do desenvolvimento moral: teoria, dados e implicações.** Coimbra: Almedina, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

MOREIRA, Pollyana Lucena; CAMINO, Cleonice Pereira dos Santos; RIQUE, Júlio. Uma comparação do desenvolvimento moral de adolescentes entre duas décadas. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 3, p. 47-61, 2015.

MENIN, M.S.S.; TREVISOL, M.T.C.; BATAGLIA, P.U.R. Experiências bem-sucedidas de educação moral: contribuições para o cotidiano da escola. In: Reunião Nacional da Anped, 36., 2013, Goiânia. **Anais.... Goiânia:** UFG, 2013. p.1-15.

MENIN, M. S. S. (1996). Desenvolvimento Moral: refletindo com pais e professores. In L. Macedo (Org.), **Cinco estudos sobre Educação Moral** (pp. 37-104). São Paulo: Casa do Psicólogo.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2010.

QUEIROZ, Sávio. Constituição das regras e o desenvolvimento moral na teoria de Piaget: uma reflexão Kantiana. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.22 no.1 Porto Alegre 2009.

PEREIRA, Maryelle Raiane; CAETANO. Luciana Maria. A CONSTRUÇÃO DAS REGRAS E O DESENVOLVIMENTO MORAL DA CRIANÇA: O PAPEL DO EDUCADOR. **Anais da Semana de Pedagogia da UEM.** Volume 1, Número 1. Maringá: UEM, 2012.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** 23. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PIAGET, Jean. A educação da liberdade. In. **Sobre a Pedagogia.** Textos Inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1945/1998.

PEDRO, A. P. **Ética, moral, axiologia e valores: Confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum.** *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 130, Dez./2014, p. 483-498.

PESCE, Lucila; FERREIRA, Mariana L. Memes na sala de aula de língua inglesa: vivências formativas em uma educação ciberativista. **Revista Teias** v. 20 (Edição Especial - 2019): Educação ativista na cibercultura: experiências plurais.

PUIG, Josep Maria. **Ética e valores: métodos para um ensino transversal.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PUIG, Josep Maria. **A construção da personalidade moral**. Tradução de Luizete Guimarães Barros e Rafael Camorlinga Alcarraz. São Paulo: Ática, 1998.

PUIG, Josep Maria. **Práticas morais: uma abordagem sociocultural da educação moral**. Tradução de Cristina Antunes. São Paulo: Moderna, 2004.

PUIG, Josep Maria. Aprender a viver. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007. p. 65-106.

RECUERO, R. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. Contemporânea – **Revista de comunicação e cultura**, 2012.

RICOEUR, P. **Soi-même comme un autre**. Paris: Gallimard, 1990.

SCANLON, Thomas M. **A dificuldade da tolerância**. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 84, p. 31-45, 2009.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência**. 6ª. Edição, São Paulo: Thomson, 2005.

SHUTHERLAND, P. **O desenvolvimento cognitivo actual**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

SILVA, M. A. L. Refletindo sobre a Pesquisa Participante. In: ENGERS, M. E. A. (Org.). **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Ação: notas para reflexão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 75-83.

SOUZA, E.M. Valores em sala de aula. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 8, n. 2, nov. 2009.

TOGNETTA, Luciene. R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2003.

TOGNETTA, LUCIENE R. P.; MENIN, Maria Suzana de S. (Org.) **Respeito é bom e eu gosto! O valor do respeito**. 1. ed. Americana, SP: Adonis, 2017. (Valores morais para a educação; 2).

LEAL TOLEDO, Gustavo. Uma crítica à memética de Susan Blackmore. **Revista de Filosofia Aurora**, [S.l.], v. 25, n. 36, p. 179-195, maio 2013.

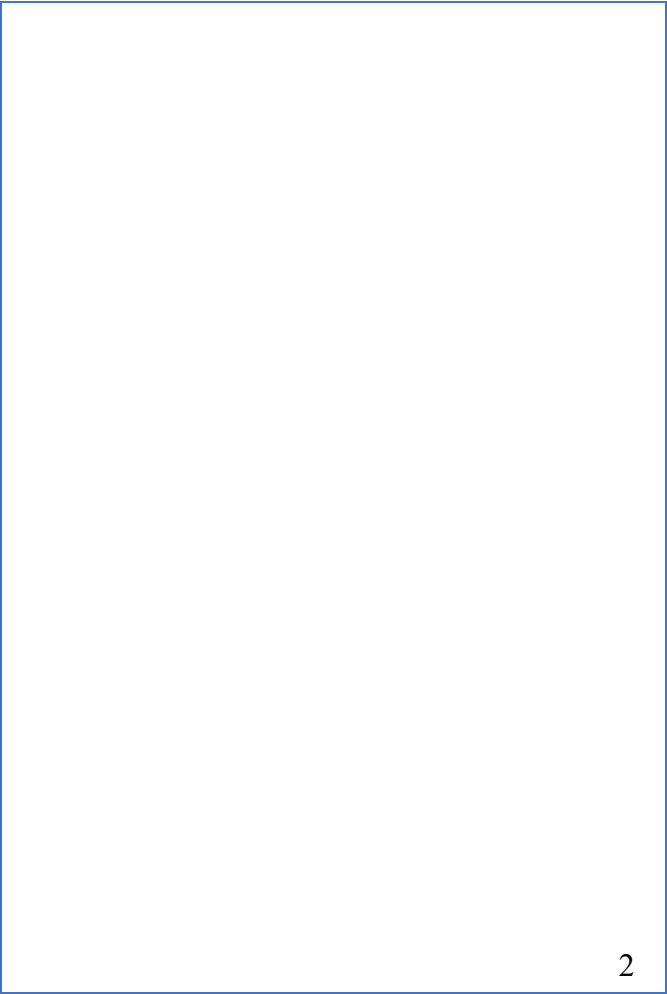
VALE, M. C. O Desenvolvimento Moral da Criança. **Acta Pediatr. Port.**, 2002; N.º 5 Vol. 33: 301-4.

VINHA, Telma Pileggi, TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v.9, n.28, p.525-540, set./dez.2009.

ZUIN, Antônio A. S. A cultura Digital, a semiformação e o novo elo pedagógico. **Inter-Ação**. Goiânia, v. 39, n.2, p. 214-256, maio-ago., 2014

PRODUTO EDUCACIONAL





Apresentação

O Produto Educacional aqui apresentado em forma de Guia é resultado da dissertação de mestrado em Ensino - Docência para a Educação Básica, cursado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Bauru, intitulada *Os memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no ensino médio*, que uniu teoria e aplicação da pesquisa em sala de aula.

A escola é a instituição onde as crianças e adolescentes passam maior parte de seu tempo e interagem com seus pares. Geralmente, esses alunos passam aproximadamente entre 8 e 9 horas nas escolas do Projeto Ensino Integral, esse

tempo é de extrema importância para sua formação moral e ética. Nem sempre os professores e a comunidade escolar estão preparados para contribuir com o desenvolvimento moral que as crianças e adolescentes necessitam. A rotina, currículo, burocracia e diversos contratempos contribuem para que a educação moral seja esperada e exigida apenas das famílias, no entanto, precisamos considerar que é na escola que esses estudantes são expostos a maior interação. Torna-se necessário aproveitar esse tempo escolar para contribuirmos na construção da moralidade.

Portanto, a necessidade dos adolescentes e a falta de uma educação voltada para a construção de valores, cria um vazio em sua formação e isso pode comprometer a construção de sua autonomia e protagonismo, uma lacuna

em sua formação que a restringe de conteúdo moral.

A legislação brasileira considera os direitos fundamentais da criança e adolescente e que esses devem ser transmitidos por todos que com elas convivem. A responsabilidade, assim, não é apenas da família ou da escola, mas de ambos.

A publicação do presente guia é o objeto educacional voltado para docentes e discentes, onde há orientações para que trabalhem e construam memes com apelo às questões morais, e também oferecerem possibilidades de utilizar o meme como recurso pedagógico nas disciplinas comuns dos currículos escolares.

O guia aborda as etapas da construção das oficinas e memes, as discussões sobre as temáticas expondo pontos de vista diferentes,

posicionamentos que irão argumentar e contra argumentar a fim de que os alunos possam construir suas próprias percepções e desenvolver sua moralidade e expô-las em seus próprios memes. Para os professores versam sobre os passos para que possam trabalhar o tema com seus alunos.

O guia pode contribuir com atividades que contribua com o desenvolvimento moral dos alunos envolvidos na pesquisa ou que se proponha a utiliza-lo. Além de ter acesso aos conceitos de alguns valores morais, se deparar com situações que o faça pensar criticamente, os alunos terão informações para que possam criar memes que despertem e estimulem seu senso moral, contribuindo para sua autonomia.

A confecção de guia objetivou, de forma geral, oferecer material que

favoreça a reflexão e o protagonismo dos alunos no desenvolvimento de seus valores morais, utilizando os memes como meio de expressar esses valores.

Como objetivos específicos pretendeu desenvolver a capacidade reflexiva e argumentativa dos alunos e professores sobre os valores morais e, fornecer instruções para que os alunos possam compreender alguns conceitos sobre moralidade e sobre a criação de memes para que possam construí-los com a temática proposta.

O produto foi executado com base em uma pesquisa prévia em uma escola estadual na cidade de Araçatuba, São Paulo, com dados coletados em observações empíricas nas aulas dialogadas e oficinas pedagógicas num período de aproximadamente 20 horas, distribuídas ao longo dois meses.

A observação para produção do produto e pesquisa qualitativa contou com 16h de pesquisa que ocorreu em dias separados de acordo com as atividades realizadas.

SUMÁRIO

Introdução	10
Como utilizar memes no processo de ensino e aprendizagem de valores morais	15
Uma palavra aos professores	24
Uma palavra aos estudantes	26
Referências	28

Introdução

Os memes estão por toda parte, todos os dias alguma ou várias dessas figurinhas virais saltam nas telas dos nossos smartphones e computadores. E, por que não as usar para turbinar nossas aulas ou nossa aprendizagem?

Eles podem ser muito versáteis, professores podem usufruir deles para dar um *up* em suas aulas, despertar a curiosidade e interesse dos estudantes pelos conteúdos trabalhados. Os alunos, por sua vez, podem criar memes com os conteúdos vistos em sala de aula, algo que reforçará muito a compreensão e entendimento dos assuntos estudados.

Que o meme já faz parte da nossa cultura e do nosso cotidiano já sabemos, aliás, somos uma nação produtora de memes, nada passa imune ao humor dos brasileiros, seja algo político, social, cômico ou trágico, tudo é passível de virar meme em nossas mãos. Mas, o que significa o termo meme, onde surgiu, como se faz um meme?

Pra começo de conversa, o termo meme teve sua origem na ciência genética, foi apresentado no livro *O gene Egoísta* do biólogo e escritor britânico Richard Dawkins, em 1976, o termo foi definido como “um novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação”.

No ano 2000, a psicóloga britânica Susan Blackmore, em seu livro *The Meme Machine*, diz que “[...] memes são

instruções para realizar comportamentos, armazenadas no cérebro (ou em outros objetos) e passadas adiante por imitação”.

Então, se pegarmos essas definições e pensarmos no meme que conhecemos atualmente, podemos conceitua-lo como algo que se populariza através da internet e pode trazer mensagens de humor, crítica, sátiras, sentimentos e outras expressões através de imagens, *gifs*, ou quaisquer outras coisas que possam ser copiados ou modificados para viralizar na internet, especialmente nas redes sociais.

Agora que já sabemos o que são memes, vamos entender por que eles se popularizaram tanto no mundo todo.

Memes são piadas rápidas da internet, normalmente retratam assuntos e imagens que são familiares a nós, e isso gera um sentimento de relevância e

pertencimento a algo maior. Conhecimento sobre o assunto retratado faz com que você entenda e ache graça dos memes virtuais. Além disso, eles podem se tornar virais porque atraem facilmente a atenção, as mensagens são passadas de maneira rápida e lúdica, podemos expressar ideias complexas por meio de um conceito simples, de acordo com o contexto e da maneira como é usado.

No entanto, os conteúdos produzidos e compartilhados podem não carregar apenas um inocente significado de humor, sarcasmo ou críticas sociais, muitas vezes estampam preconceitos, desrespeitos, ocasionando enormes prejuízo às pessoas direta ou indiretamente envolvida com a temática do meme produzido e viralizado no mundo virtual, também é nítido o papel

político que os memes vem ocupando, levantando questionamentos, quebrando estereótipos, promovendo identificações. Por isso é muito importante termos responsabilidade na produção dos memes.

Pensando nisso, levamos os memes às salas de aulas para nos auxiliar na compreensão de valores morais e os estudantes poderem expressar seus entendimentos utilizando essa figura de linguagem.

Como utilizar os memes no processo de ensino e aprendizagem de valores morais

Criar um meme exige muito mais do que conhecimentos técnicos de como editar imagens e incluir textos. É necessário compreender o assunto e o contexto que se pretende transmitir, associar corretamente a uma figura para que alcance o objetivo – sarcasmo, crítica, ironia, etc. Por isso, o meme pode ser uma excelente ferramenta usada a favor do ensino-aprendizagem.

Trabalhar valores morais com os estudantes, utilizando os memes como fio condutor pode, além de desenvolver o conhecimento sobre valores, diminuir o

regime linear tão presente no ambiente escolar, expandindo um olhar crítico para os diferentes níveis de realidade.

Inicialmente, é necessário dialogar com os estudantes sobre o que eles entendem por memes, valores morais, qual nível de conhecimento tecnológico, apresentar conceitos e possibilidades para se produzir os memes.

Optamos em trabalhar os valores morais em Oficinas Pedagógicas, com os temas previamente definidos, tempo a ser utilizado, metodologia e recursos disponíveis. Os valores escolhidos foram justiça, honestidade, tolerância, solidariedade e respeito, desenvolvidos no total de doze oficinas, incluindo o período para nivelar os conhecimentos técnicos dos alunos e trabalhar conceitos.

OFICINAS PEDAGÓGICAS:

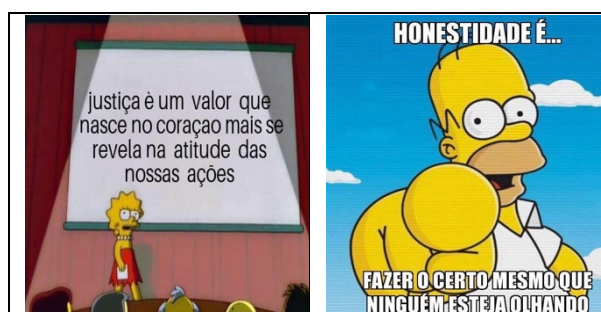
Oficina	Duração	Recursos	Procedimento	Atividades realizadas
1	1h20	Projektor e notebook.	Levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre memes da internet.	Roda de conversa com os alunos.
2, 3 e 4	4h	Projektor, notebook e internet.	Compreender os conceitos de ética, valores morais. Conceituar e dialogar os valores morais selecionados para serem trabalhados nos próximos encontros.	Pesquisas conceituais, leituras de fragmentos de textos selecionados.
5 e 6	2h40	Projektor, notebook e internet.	Nivelar conhecimentos dos alunos sobre o uso de tecnologias digitais e criação de memes.	Pesquisas e elaboração de memes – tema livre
7 e 8	2h40	Projektor, notebook e internet.	Conceituar, refletir e dialogar sobre os valores Justiça e Honestidade	Pesquisas conceituais e criação de Memes – tema: Justiça/Solidariedade
9 e 10	2h40	Projektor, notebook e internet.	Conceituar, refletir e dialogar sobre o valor Tolerância	Pesquisas e criação de Memes – tema: Tolerância
11 e 12	2h40	Projektor, notebook e internet.	Conceituar, refletir e dialogar sobre os valores Solidariedade e Respeito.	Pesquisas e criação de Memes – tema: Tolerância

O planejamento de uma oficina envolve escolha dos materiais a serem utilizados, faixa etária, recursos e tempo disponíveis.

Para trabalharmos os valores Justiça e Honestidade (oficinas 7 e 8), dispusemos de textos projetados de acordo com a faixa etária, pesquisa dos

conceitos desses valores, vídeos¹ e discussões. Assim, os alunos possuirão repertório e conhecimento para criar memes nessas temáticas.

Exemplos de memes produzidos por alunos da 1ª série do Ensino Médio:



Fonte:

<https://www.facebook.com/fabricadememesdosmeusalunosmaistops/>

¹ Aristóteles: justiça distributiva e justiça corretiva - Ética a Nicômano.

<https://www.youtube.com/watch?v=4UyJOxAx5sU&t=20s>

Com os valores Solidariedade e Respeito (Oficinas 11 e 12), utilizamos a leitura em conjunto do texto *O que é Solidariedade*² que de início já deixa claro que solidariedade não é dar esmola e que esse é um valor urgente a nível social e pessoal. Para discutirmos o valor respeito, iniciamos com o vídeo clipe da música *Respeito é bom e eu gosto*³, de Luiz Caldas cuja letra diz:

Ele de rosa	Farol da Barra
Você tem que respeitar	Você tem que respeitar
Ela de azul	
Você tem que respeitar	Diversidade
	Você tem que respeitar
Sou diferente	Toda cidade
Você tem que respeitar	Você tem que respeitar
Pois gente é gente	
Você tem que respeitar	Abra a sua cabeça
Eu sou do Gueto	Sem preconceito meu
Você tem que respeitar	irmão

²<https://juvenil.net/index.php/crescer/158-o-que-e-a-solidariadade>

³<https://www.youtube.com/watch?v=jnF9UZsS-bA>

Que a santa paz
permaneça
Nessa relação

Pois ninguém manda em
sua vida
Seja homem ou mulher
Ninguém tem nada com
isso
Faça o que quiser

Me respeite pra eu te
respeitar!

É cobrador
Você tem que respeitar
Se é doutor
Você tem que respeitar
Se é militante
Você tem que respeitar
Se é militar
Você tem que respeitar

Se é da direita
Você tem que respeitar
Se é da esquerda
Você tem que respeitar

Cara fechada
Você tem que respeitar
Sorriso aberto
Você tem que respeitar

Lembre que nesse
planeta
A pessoa só vive uma
vez
Pra que ser intolerante
Nesse mundo burguês

Você é o responsável
Pelo que escolheu
Nunca deixe o outro
Mandar no que é seu

Essa oficina rendeu muitos debates
e memes interessantes:

20



Fonte:

<https://www.facebook.com/fabricadememesdosmeusalunosmaistops/>

Encontramos na internet várias formas de criarmos um meme sem

precisar baixar programas e aplicativos, podemos editá-los on-line. Indicamos os sites:

<https://imgur.com/memegen> - oferece uma ferramenta de criação fácil de usar, disponibiliza imagens que podem ser personalizadas ou escolher imagens salvas em seu computador e editá-las.

<https://www.kapwing.com/meme-maker> - site com recursos avançados, com ferramentas que permitem diversificar as fontes e tamanho de letras, possibilita baixar as fotos do computador ou buscar, no próprio site, imagens da internet.

<https://www.gerarmemes.com.br/> - site intuitivo e fácil de usar, também possui várias imagens para edição, mas permite

que selecionemos nossas próprias imagens.

Usando o smartphone, é possível usar editor de fotos disponíveis nos aparelhos ou usar aplicativos próprios para criar memes. Há muitas plataformas e ferramentas que facilitam a criação e compartilhamento de memes.

Uma palavra aos professores

A utilização de memes contribui para a aprendizagem significativa dos valores morais e proporciona aos alunos um conhecimento participativo, solidário e contextualizado.

A atenção e participação nas aulas pode melhorar muito, pois é preciso compreender bem os conceitos e conteúdos trabalhados para transformá-los em um meme, além disso, a utilização de recursos tecnológicos contribui com a capacidade colaborativa dos alunos tendo em vista que alguns possuem mais facilidades ou conhecimentos na utilização desses equipamentos e

24

programas, acabam auxiliando outros colegas que não possui o mesmo conhecimento.

Os memes podem ser explorados de diversas formas e em momentos diferentes de nossas aulas, seja para despertar a curiosidade dos nossos estudantes para determinados conteúdos, como proposta de atividade, análise ou avaliação.

Por se uma linguagem virtual de fácil compreensão e criação, podemos explorar esse recurso em qualquer área do conhecimento, tornando seu uso um atrativo a mais em nossa didática.

Uma palavra aos estudantes

Caros estudantes,

Estudar pode não ser tarefa das mais fáceis, especialmente em um mundo rodeado de interações, imagens, vídeos, mensagens e novidades chegando a cada instante nas palmas de suas mãos. A internet pode ser uma vilã para seus estudos se vocês não extraírem dela algo que possa contribuir com sua aprendizagem, cultura e conhecimento.

Podemos encontrar vídeos, textos, atividade e, até mesmo memes educativos que auxiliem na sua compreensão do assunto que quiser.

26

Nossa proposta é que você não seja apenas um receptor de informações, mas seja capaz de estudar usando algumas dessas ferramentas virtuais disponíveis. Optamos pelos memes por serem uma linguagem simples, acessível, humorada, capaz de nos fazer refletir e despertar nossa curiosidade. Analisar memes, especialmente sobre assuntos estudados nas suas aulas, contribui com sua aprendizagem. Mas, por que não criar e compartilhar seus próprios memes com os assuntos vistos na escola?

Para saber mais:

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2000.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. **Memes na internet: Entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes nas redes sociais**/Douglas de Oliveira Calixto. São Paulo, 2017.

CANDIDO, E. C. R.; GOMES, N. S. Memes: uma linguagem lúdica. **Revista Philologus**, Ano 21, N° 63 – Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2015, pp.1293-1303.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução: Geraldo H. M. Florsheim. São Paulo: Ed. USP, 1979.

LIBANEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educativas e profissão docente**. – 6° ed. - São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “**Os memes como recurso pedagógico na construção de valores no Ensino Médio**”, projeto de Mestrado Profissional realizado no Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP de Bauru, com a orientação da Profª Drª Rita Melissa Lepre. O **objetivo da pesquisa** é em levantar, junto aos alunos, o que eles entendem por memes e como compreendem a circulação desses memes, realizar oficinas pedagógicas para a construção de memes e analisar a utilização dos memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio.

Informamos que no **encaminhamento da pesquisa** poderão ocorrer desconfortos ou constrangimentos por parte dos envolvidos devido às aulas expositivas e dialogadas e oficinas que serão realizadas no espaço escolar, entretanto ressaltamos que o intuito primordial desse trabalho de campo não é de avaliar a ação docente, bem como não é o foco a análise do desempenho individual do adolescente. Objetiva-se unicamente compreender como se configuram o desenvolvimento moral, o compartilhamento desses valores através dos memes e como a escola pode contribuir com a educação moral dos alunos.

Gostaríamos de esclarecer que sua **participação é totalmente voluntária**, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. É importante destacar que as informações obtidas serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Os **benefícios esperados** com a pesquisa consistem em embasar a criação de um manual que abordará as etapas da construção das oficinas de memes e discussão sobre as temáticas selecionadas sobre valores morais.

Após a pesquisa bibliográfica, coleta e análise dos dados serão elaborados uma dissertação, uma animação para os adolescente e guia para professores, além de trabalhos científicos publicados em eventos da área escolar. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos,

entre em contato conosco. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pesquisador e sujeito) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu _____ (nome por extenso)
declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar
VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Profª Drª Rita Melissa
Lepre (orientadora da pesquisa).

Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisado
(Assinatura ou impressão datiloscópica)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis, seu filho (a) está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **“Os memes como recurso pedagógico na construção de valores no Ensino Médio”**, projeto de Mestrado Profissional realizado no Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP de Bauru, com a orientação da Profª Drª Rita Melissa Lepre. O **objetivo da pesquisa** consiste em levantar, junto aos alunos, o que eles entendem por memes e como compreendem a circulação desses memes, realizar oficinas pedagógicas para a construção de memes e analisar a utilização dos memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio.

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, da professora e dos responsáveis pelos alunos do _____, desenvolverei o projeto através de aulas expositivas e dialogadas e realizações de oficinas de criação de memes durante entre os meses de setembro e novembro de 2019.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações com o grupo.

Os dados gerados a partir dos encontros serão analisados e utilizados na realização desta pesquisa e poderão ser utilizados em aulas, palestras, seminários, e integrar alguma publicação, além de contribuir para elaboração de um guia com orientações para professores que visa oferecer recursos e estratégias para o desenvolvimento dos valores moral dos adolescentes. O sigilo será preservado, não sendo mencionados os nomes dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa observada.

Como pesquisadora e responsável por tal pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do telefone (18) 981797900 ou pelo endereço eletrônico deniseperuzzo@gmail.com

Eu _____ (nome por extenso) declaro que fui devidamente esclarecido e estou de acordo em permitir que meu filho (a) participe do estudo proposto.

Data: ____/____/____

Assinatura do responsável

Apêndice II

Araçatuba, 11 de outubro de 2019.

Ilmo (a) Sr. (a) Diretor (a),

Eu, Denise Leite Peruzzo, discente do Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Campus de Bauru, venho desenvolvendo minha dissertação de mestrado, intitulada "Os memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio", sob orientação do Prof. Dra. Rita Melissa Lepre.

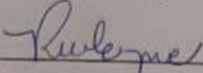
Uma etapa desta pesquisa consiste em aplicar Oficinas sobre Memes, discussões sobre valores morais e aplicação de questionário referente à temática trabalhada. Este mesmo questionário estará disponível para pais e comunidade em geral. O objetivo desta etapa do desenvolvimento do projeto é importante para coletar dados que nortearão o delineamento do projeto e produto educativo, por isso tais informações se fazem necessárias.

Nesse sentido, solicitamos sua autorização para aplicação do questionário no período de 15 a 30 de novembro, com seu consentimento como diretora da escola.

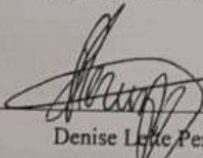
Será garantido, à escola e a todos(as) os(as) participantes, sigilo total, resguardando seus nomes, imagens ou quaisquer informações que possam identificá-los(as).

Agradecemos antecipadamente a atenção dispensada, aguardando um retorno sobre a viabilidade dessa solicitação.

Atenciosamente,


Prof. Dra. Rita Melissa Lepre

CPF 121.056.318-51


Denise Leite Peruzzo

CPF 276.433.998-40

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Diretores (as) da Rede Estadual de São Paulo

"Os memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio"

Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica
Faculdade de Ciências, UNESP, Campus de Bauru

Esta pesquisa não apresenta riscos aos(as) participantes. As identidades dos(as) alunos(as) serão mantidas em sigilo e não haverá uso de imagens. Para assegurar o sigilo, cada nome será substituído por um número e somente os(as) pesquisadores(as) terão acesso às respostas.

Não haverá remuneração pela participação. Os(as) alunos(as) participantes poderão contribuir para formação de sujeitos críticos embasados em conhecimento científico, ou seja, para que adquiram mais conhecimentos e saibam utilizá-los em benefício próprio e de outras pessoas. As respostas não serão utilizadas de maneira que seja possível identificar os(as) respondentes.

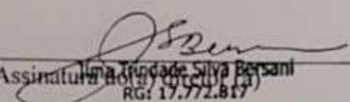
Ao término da pesquisa, a pesquisadora apresentará os resultados do trabalho aos(as) participantes e responsáveis para mostrar como este trabalho poderá contribuir com os(as) estudantes. Por fim, os resultados serão divulgados como relatórios e painéis

em encontros científicos, sempre preservando identidade e imagem dos(as) participantes desta pesquisa.

Pesquisadores responsáveis: Mestranda Denise Leite Peruzzo e Profa. Dra. Rita Melissa Lepre

Eu, Ilma Trindade Silva Benson, diretor(a) da Escola Estadual Prof. Jorge Corrêa - Araçatuba/SP, Secretaria da Educação, RG 17.772.817-6, residente e domiciliado(a) à Av./Rua Som Pedra 1, 423, Bairro Centro, na cidade de Guararapes/SP CEP 16.700-000, e-mail ilma.benson@educacao.sp.gov.br telefone (18) 3623-3135, declaro estar ciente do objetivo da pesquisa "Os memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio, de responsabilidade do Profa. Dra. Rita Melissa Lepre e da discente Denise Leite Peruzzo, manifestando o meu consentimento para a realização dessa pesquisa, com a publicação do material coletado e produzido por meio desta, na forma de Dissertação de Mestrado Profissional.

Araçatuba, 11 de outubro de 2019.


Assinatura Ilma Trindade Silva Benson
RG: 17.772.817
Diretor de Escola

Instituição

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. Faculdade de Ciências, Campus de Bauru. Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa - Bauru/SP - CEP 17033-360.

Pesquisadores responsáveis

Mestranda Maria Sylvia Martignoni Spinola - vimartignonispinola@gmail.com; (14)991187989.
Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Legendre - alexandre.legendre@unesp.br; (14)997535614

Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço da página: <https://www.fc.unesp.br/#1/pesquisa/comite-de-etica/>
Telefone: (14)3103-9100

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Outras informações: resolução nº 466/2012 (disponível em

www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf) e res. nº 510/2016 (disponível em

www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf) do Conselho Nacional de Saúde

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS MEMES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS NO ENSINO MÉDIO

Pesquisador: DENISE PERUZZO ROCHA CAVALCANTI

Versão: 2

CAAE: 19268819.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 102934/2019

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto OS MEMES COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS NO ENSINO MÉDIO que tem como pesquisador responsável DENISE PERUZZO ROCHA CAVALCANTI, foi recebido para análise ética no CEP UNESP - Faculdade de Ciências Campus Bauru - Júlio de Mesquita Filho em 19/08/2019 às 11:58.

Endereço: Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO

CEP: 17.033-360

UF: SP

Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400

Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

